

ZERO

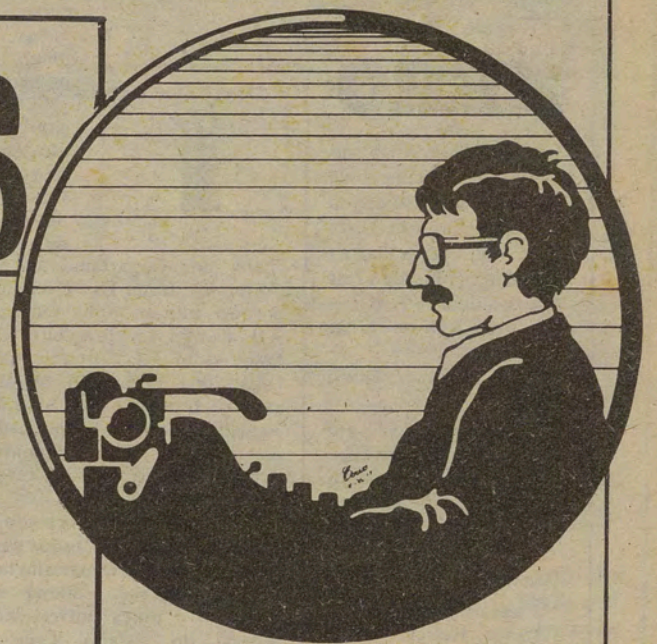
Florianópolis, Setembro de 1989

INDÚSTRIAS CULTURAIS

E OS DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

TEORIA
JORNALISMO
VIDEO
TELEVISÃO
RELAÇÕES PÚBLICAS
COMUNICAÇÃO RURAL
CULTURA
PROPAGANDA
EDITORÇÃO
RÁDIO
CINEMA

EDIÇÃO ESPECIAL



Os dez anos
de um Curso
combativo

Página 3



Um caderno
especial
revela
a Teoria do
Jornalismo

Caderno Z Especial

Descubra a Ilha nas quatro páginas de serviço: da 7 até a 10

Jornalismo de novo no mapa

Após dez anos,
curso quer
resgatar união

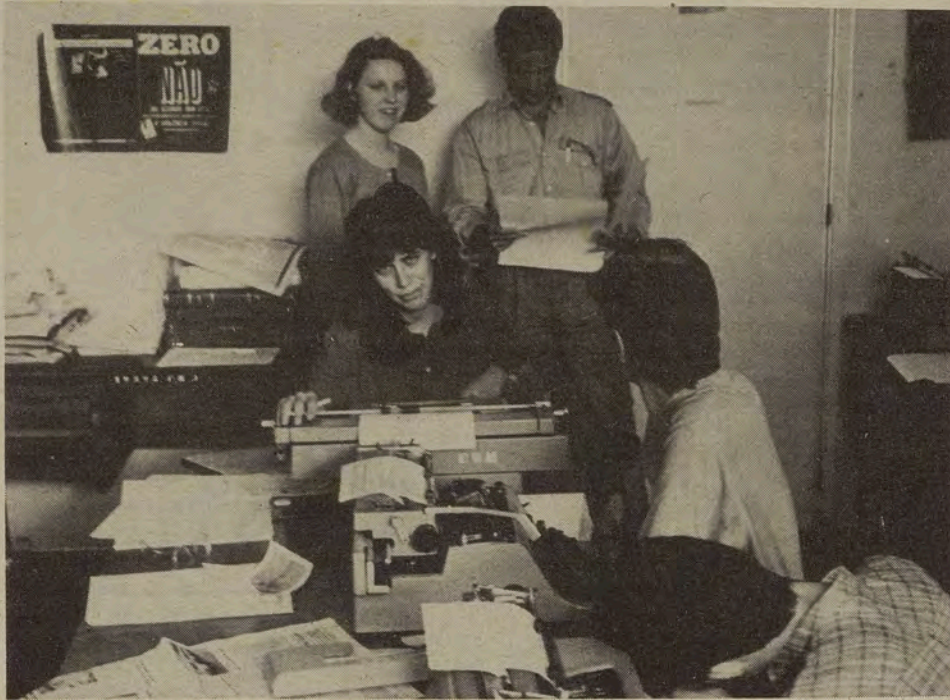


"Colocar o curso novamente no mapa". A expressão, usada por Eduardo Meditsch,

chefe do Departamento de Comunicação da UFSC explica porque Florianópolis sedia o XII Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação. Outra boa razão são os dez anos de fundação do Curso de Jornalismo, algo a ser marcado por um grande acontecimento. A história desse curso já é longa e se deve a muita gente.

Em 1973 foi formado o primeiro grupo de estudos para a criação de um Departamento de Comunicação Social na UFSC — a única universidade federal do Estado. Com a morte do jornalista Adolfo Ziguelli, convidado a coordenar a fundação do curso, a implantação foi suspensa. Em 1978 o projeto foi retomado e aprovado. Dia 30 de julho e era só o começo.

A opção dos fundadores foi a de concentrar os recursos numa única habilitação, o jornalismo. Ainda assim, as primeiras turmas não tinham espaço físico adequado ou equipamentos. Faltavam professores. Mas desde o começo o curso, a união real de alunos e professores, decidiu enveredar por um caminho pioneiro, não experimentado pelos demais cursos de comunicação da país. Em 1980 pela primeira vez realizou-se um seminário interno de composição paritária. Os estudantes puderam discutir os problemas e buscar soluções em condições de igualdade com os professores. Foi o início de novas idéias sobre o ensino de comunicação, do esforço conjunto para fugir do conservadorismo e da burocracia. A idéia era concentrar esforços para formar profissionais capazes técnica e teoricamente. Pessoas para atuar em novas áreas e ampliar o mercado.



Zero: alunos participam ativamente desde o início do curso

Em 1980 os estudantes do jornalismo passaram a integrar a Executiva Nacional do Enecom (Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação). Também foram responsáveis por uma pesquisa que traçou o perfil do jornalista brasileiro. O trabalho foi encomendado pela Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas) e realizado através do Centro de Documentação do curso. O perfil do jornalista foi revelado através do estudo de temas e resoluções dos encontros da categoria realizados entre 1970 e 1980.

A tradição de sediar grandes eventos teve início em 1981, quando o Jornalismo organizou o X Congresso Brasileiro de Comunicação, promovido pela UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação). Foi o maior evento da área já realizado no Brasil, com mais de três mil participantes que debateram o tema "Comunicação, juventude e participação". Em 1982 os estudantes trouxeram para Florianópolis o VI Enecom. Pela primeira vez um encontro de estudantes incluía em seus debates temas científicos.

Em 1983 o curso sediou o Encontro Latino-Americano das Faculdades de Comunicação Social, promovido pela Felafacs (Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social) além do 1º Seminário Regional de Jornalismo, com o apoio do

CNPq. O encontro promovido pela Felafacs foi um marco na articulação por novas políticas de comunicação. A partir daí foi organizada a Frente Nacional de Luta por Políticas Democráticas de Comunicação. A "Frente" reuniu entidades como a Fenaj, ABI (Associação Brasileira de Imprensa), Abepec (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Comunicação) e Departamento de Comunicação da UFSC, entre outros. Uma das conquistas recentes da frente foi a mudança da legislação de concessão de canais de rádio e TV. Hoje só o Congresso pode distribuir concessões. Foi criado também o Conselho Nacional de Radiodifusão.

Paralelamente aos eventos externos, o curso se desenvolvia. Em 1981 mudou-se do prédio da Imprensa Universitária para o Centro de Comunicação e Expressão enquanto chegavam os primeiros equipamentos. A organização interna sempre foi uma questão prioritária. Foi criado o Conselho Paritário, instância máxima de deliberação, composto por professores, alunos e funcionários com igual poder de decisão. O Conselho nunca foi reconhecido formalmente pela universidade, mas é legitimado pelo tempo. As reuniões podem não ser muito calmas, mas é nelas que se decide os rumos a serem tomados. Ninguém abre mão do espaço para "brigar" pelo que acha melhor para o curso.

O Departamento de Comunicação só passou a existir formalmente em 1983, quando foram contratados os quinze professores necessários. Pela primeira vez houve eleições diretas para a Chefia e Coordenadoria de Comunicação.

O curso sempre teve uma forte tendência combativa. Em 1982 os alunos fizeram uma greve de quinze dias reivindicando equipamentos e professores. Em 1984 a formatura da segunda turma se transformou em uma manifestação a favor da democracia. Ficou conhecida como a "turma diretas-já". União e contestação sempre foram características presentes, com todos participando de tudo: brigas com a reitoria por professores, equipamentos, direito à participação nas decisões.

Do curso surgiu o movimento local pelas diretas, em 84, assim como o movimento de Oposição Sindical, que desalojou os "pelegos" do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.

Aos poucos, foram obtidas várias conquistas. Os laboratórios foram equipados e os estudantes passaram efetivamente a elaborar o Zero, jornal-laboratório. O Zero tem uma história especial dentro do curso. Até 1987 o jornal esteve vinculado a uma disciplina da sexta fase, o que limitava e desmotivava a participação dos alunos. Com a mudança de currículo exigida pelo MEC

(Ministério da Educação e Cultura), em 1985, ocorreu uma grande alteração nas disciplinas, o jornal foi desvinculado e passou a ter uma periodicidade real. Enfim começou a sair mensalmente a partir de 1987. Os professores tentam reproduzir ao máximo o fechamento de um jornal comum. Em 1988 o Zero ganhou o prêmio de "melhor peça gráfica" no I Set Universitário, promovido pela Famecos, de Porto Alegre.

Dez anos. Hoje o curso de Jornalismo conta com 23 professores, oito com mestrado e vários cursando pós-graduação no Brasil e exterior. Os seus laboratórios foram os primeiros a cumprir as exigências do Conselho Federal de Educação (C.F.E.) em matéria de equipamentos. Além do Zero, os alunos contam com laboratórios de foto, informática, áudio e o de vídeo — que está constantemente se auto-equipando através dos serviços prestados à comunidade e demais departamentos.

A fauna estudantil está em constante movimento. Todos os anos, em março, 40 calouros desmontados "invadem" as modestas dependências do jornalismo comprimido a um canto do CCE. Todos os anos cerca de 20 veteranos deixam o curso, aliviados e ansiosos, sem as ilusões de quando entraram com caras desmontadas. Nesse intervalo, eles são a alma do curso.

Dez anos. Depois de ocupar um dos primeiros lugares entre os cursos de comunicação no país, o Jornalismo da UFSC entrou numa fase de desmobilização. A grande rotatividade dos professores foi uma das causas. A produção caiu, a participação em eventos da área também. "Sumimos do Mapa", diz Eduardo Meditsch, chefe do Departamento. A atual chefia foi eleita em 1988 através da chapa "Opção Jornalismo". A intenção era priorizar o caráter profissionalizante do curso "para que os alunos não cheguem a quinta fase sentindo a inutilidade de todo o tempo gasto". Hoje o curso de Jornalismo está em busca de suas características perdidas: união, participação e organização. O Intercom faz parte desse processo de reativação.

Nilva Bianco

Psico elege aluno para direção do curso

Pela primeira vez na história da UFSC um estudante foi eleito para desempenhar funções que cabem a um subcoordenador de curso. Numa eleição convocada por assembleia de estudantes e professores do Departamento de Psicologia, e realizada no dia primeiro de agosto, o aluno Célio Vanderlei Moraes, 21 anos, elegeu-se subcoordenador numa chapa que tem o professor José Gonçalves Medeiros como coordenador.

Após a eleição, o resultado foi levado ao colegiado de curso sendo deferido pelos seus membros. O professor José Gonçalves Medeiros, 44 anos, reeleito como coordenador, argumenta que "se os alunos são competentes para fazer pesquisa, que é uma atividade tão complexa dentro da vida

acadêmica, por que não podem ajudar na administração?"

Na assembleia convocada para a apresentação e discussão das candidaturas para coordenar e subcoordenar o curso de Psicologia, durante o dia 28 de julho, Célio Vanderlei Moraes, aluno da sexta fase e José Gonçalves Medeiros formaram a única chapa que se candidatava à nova eleição. Nessa assembleia, que contou com a participação de 39 alunos e quatro professores, as duas candidaturas foram acatadas e marcou-se a data da eleição para o dia 1º de agosto.

A eleição ocorreu por voto direto e universal e teve a participação de 60% da comunidade acadêmica do curso. Foram 38 professores, 10 servidores e 250

alunos que comparecem às urnas, dando a Moraes, como subcoordenador, 130 votos e a Medeiros, 145, como coordenador.

A maior parte do corpo acadêmico de curso de Psicologia escolheu Célio como o novo subcoordenador. A discussão passa agora para a esfera da Reitoria, que deverá decidir se homologa ou não a eleição. Enquanto isso, o aluno eleito está impossibilitado de assinar papéis e substituir o coordenador em reuniões oficiais.

Jean Rennée Raupp



Melhor
Peça Gráfica
I
Set
Universitário
Maio 88

ZERO

Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo de a Universidade Federal de Santa Catarina. Esta edição foi elaborada na madrugada do dia 17 de agosto de 1989, no penúltimo eclipse lunar do século

Arte: Edgar Vasques, Frank
Colaboradores: Antônio Carlos Mafalda, Pedro Melo, professores Eduardo Meditsch, Hélio Schuch, Neila Bianchin, Sérgio Weigert

Diagramação: Nilva Bianco, Robert Willecke, Rogério da Silva, Rute Enríconi
Edição: Ana Luiza Coelho, Carla Lavina, Jacques Mick, Márcia Moraes, Maria Fernanda Gallotti, Pedro dos Santos, Geraldo Hoffmann, Rita Costa, Robert Willecke, Romir Rocha, Sílvia Pavese
Edição e supervisão: professor Ricardo Barreto.

Fotografia: Carol Pereira, Karin Vêras, Marta Moritz
Laboratório Fotográfico: Carol Pereira, Marta Moritz, Pedro Mello
Secretaria: Sílvia Pavese

Textos: Ana Cláudia Menezes, Ana Luiza Coelho, Carla Lavina, Deise Freitas, Denise Rothenbach, Fabiano Melato, Geraldo Hoffmann, Gisele Dias, Ivaldo Brasil Jr., Jacques Mick, Jean Renée Raupp, Márcia Moraes, Maria Fernanda Gallotti, Marina Pederneiras, Nilva Bianco, Pedro Saraiva, Rafael Masseli, Ricardo Azambuja, Roberta Meyer, Ruchelle Zandavalle, Taciana Xavier
Telefone: (0482) 33.9215. Telex: (0482) 240 BR

Acabamento e impressão: Fundação da Produtividade, fones: (0512) 22.7756 e 22.6312, Porto Alegre
Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis-SC
Distribuição gratuita
Circulação dirigida

UFSC é um gigante emperrado

Crise do ensino público baixa o nível acadêmico

INDÚSTRIAS CULTURAIS



O campus da Universidade Federal de Santa Catarina passariam, todos os dias, mais ou menos 20 mil pessoas. Espalhadas por 28 cursos de graduação que oferecem 53 habilitações, 16 cursos de mestrado e dois de doutorado (Engenharia Mecânica e Direito), convivem em paz com a mediocridade que eles mesmos constata.

"A UFSC é uma bolha à parte de todo o Brasil", afirma a presidente do Centro Acadêmico de Nutrição, Sílvia Varela. Como ela, representantes de todos os 33 Centros Acadêmicos, mais os coordenadores do Diretório Central dos Estudantes Luís Travassos, mais quase a unanimidade dos estudantes, professores e servidores da UFSC concordam que a má qualidade de ensino é a única coisa que se pode ler nas entrelinhas das salas de aula.

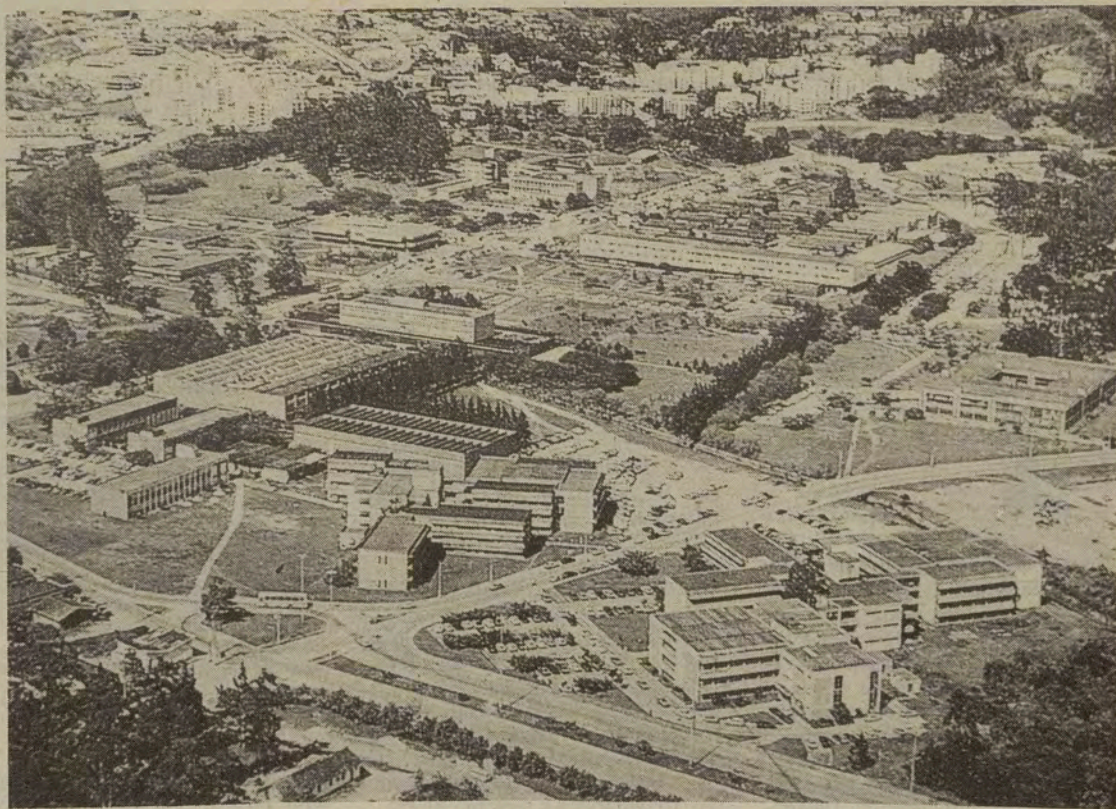
Oficialmente a UFSC foi instalada em 12 de maio de 1962, numa área de um milhão de metros quadrados conhecida como fazenda modelo Assis Brasil. De propriedade do governo do Estado, o terreno no bairro Trindade foi doado à União na gestão do presidente João Goulart, para abrigar a única instituição federal de ensino superior em Santa Catarina. Além disso, compõem o campus mais dois milhões de metros quadrados de manguezais que servem para

pesquisa e preservação de espécies marinhas. E tem a Ilha de Anhatomirim, com 45 metros quadrados, uma concessão do Ministério da Marinha à UFSC em 79, para estudo e preservação do patrimônio histórico.

O decreto-lei do presidente-general Castelo Branco em 15 de julho de 1969 deu à universidade a atual estrutura didático-administrativa. O reitor desde 62, João Davi Ferreira Lima, um dos fundadores do curso de Direito (em 193, do qual se originou a UFSC), foi o responsável pela implantação do projeto militar para a Educação na universidade. "A estrutura hierárquica foi adaptada aos rígidos padrões militares e o ensino voltado para a produção maciça de tecnologia para a indústria moderna que o Milagre Econômico conduzia", explica a revista Retrato do Brasil.

No entanto, a UFSC hoje já não pode contar nem com sustentação financeira estável. Nos últimos seis anos, a moeda já mudou duas vezes, mas o orçamento da universidade para gastos com manutenção, serviços e compra de novos equipamentos (O.C.C.), caiu de 12,4% para 2,34% do orçamento global, que por sua vez também foi reduzido proporcionalmente. Pra 89, o orçamento solicitado pelos 11 centros da UFSC era baseado em 19% de OCC. O governo federal destinou NCz\$ 131.646,27, corresponde a 2,34%. O resultado foi uma greve nacional que durou 64 dias entre maio e junho deste ano — ver matéria abaixo.

Sem verbas, os departamentos ligados à área de produção tecnológica tentam se virar com acordos com empresas privadas. O Centro Tecnológico (CTC), por exemplo, usa o Centro Regional de Tecnologia em Informática (Certi), como intermediário nos convênios explicitados até na agenda 89 editada pela UFSC, com o apelido de "vínculos com a comunidade": peças para a Embraer, es-



Arquivo/Zero

tudos para a Consul, Embraco, Metal-Leve e Weg Motores. Em troca, o CTC recebe atualização profissional para o quadro de professores e equipamentos de primeira linha, o que não poderia obter com o limitado orçamento do governo federal. Os convênios garantem ao Curso de Engenharia Mecânica o primeiro lugar no ranking Playboy das universidades brasileiras, mas deixam cada vez mais longe o "ensino público e gratuito e de boa qualidade" dos slogans acadêmicos.

Quem não pode satisfazer os empresários vive à míngua, precisando fazer uma greve a cada ano para conseguir do governo federal a libertação da verba. Diante da miséria, "há

uma série de professores que defendem sua incompetência atrás do argumento de que faltam equipamentos. E a reitoria é conivente com isto, porque na última eleição (em 87) estes setores comodistas apoiaram o atual reitor", afirma Marcos Bosio, coordenador geral do DCE.

Convivendo com os problemas, uma estrutura igual à de qualquer cidade: Biblioteca Universitária, Hospital, Restaurante, Imprensa e Editora, Museu, Núcleo de Processamento de Dados e um Escritório de Assuntos Internacionais que funciona quase como uma embaixada. São responsáveis pela gestão

da Universidade, os Conselhos: de Curadores (que cuida das finanças); de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE); e Conselho Universitário (CUn, a instância superior). A Constituição do campus, mais conhecida como Reforma Universitária, começa a ser discutida no CUn. Mas ao que parece, não vai conseguir mudar muita coisa.

Em um milhão de m², vinte mil pessoas deveriam estar estudando

Greve não trouxe melhorias

Verba liberada pelo MEC só dá para este ano

Nem todos os 11.749 alunos da Universidade Federal de Santa Catarina, ficaram em casa durante os 64 dias da greve nacional de estudantes, professores e servidores das instituições de ensino superior. Parte deles pôde vir normalmente às aulas, como no curso de Direito, em que poucos professores se aventuraram a parar as atividades durante o movimento que chegou a atingir 51 universidades federais de todo o país entre maio e julho deste ano.

Na lista de reivindicações, as velhas bandeiras de "mais verbas para a educação" e "uni-

versidade autônoma e democrática", divididas em uma série de itens negociados com o ministro da Educação Carlos Sant'Anna. Pela primeira vez na história recente do movimento universitário professores e servidores não voltaram às atividades só com as ralas conquistas salariais.

Conforme o indicativo do Sindicato Nacional dos Docentes de Ensino Superior (Andes-SN), os professores da UFSC entraram em greve a partir do dia 8 de maio. Reivindicavam 95% de reposição salarial, mais abono e reajuste mensal; 27% de OCC (outros custeios e capital), parte do orçamento global das universidades para gastos com manutenção, serviços e compra de novos equipamentos que estava em 2,54%; alterações no plano de carreira e novas contratações. A paralisação dos professores atingiu 38 universidades federais.

Os servidores foram a ca-

tegoria que permaneceu mais mobilizada desde o dia 26 de abril, quando decretaram greve exigindo 95% de reposição salarial, 27% de OCC e também ajustes no plano de carreira. No auge da paralisação, os servidores cruzaram os braços em 43 IFES - Instituições Federais de Ensino Superior.

A nível nacional, a mobilização dos estudantes chegou a parar 18 universidades. Na UFSC, o máximo que se fez foi deflagrar um indicativo de greve no dia 3 de maio. Depois, a universidade esvaziou. Mesmo assim, o DCE procurou manter durante toda a realização um representante de Santa Catarina no Comando Nacional de Greve da União Nacional dos Estudantes (CNG/UNE), para colaborar na reivindicação dos 27% de OCC, contratação de mais professores e servidores.

Depois de caravanas irem à Brasília fazer pressão e de sucessivas exigências de audiências, a negociação com o Minis-

tério da Educação só começou 30 dias após a deflagração da greve. O governo apresentava a posição de "não negociar índices, mas analisar caso a caso", na expressão do ministro Carlos Sant'Anna. Os três Comandos de Greve defendiam a pauta unificada na campanha "SOS-A Universidade Pública Brasileira se Nega a Morrer."

O resultado das negociações foram "vitórias parciais", na avaliação do CNG/UNE: o envio imediato de NCz\$ 230 milhões como suplementação de verbas, mais 223 milhões no segundo semestre (totalizando 16,3% de OCC); contratação de 760 professores e 1348 servidores (o que corresponde a 56% das necessidades das IFES). As exigências salariais de professores e servidores não foram atendidas e as categorias foram enquadradas na lei do funcionalismo público federal que determinou 30% de reposição de janeiro a maio e reajuste trimes-

tre com gatilho a cada vez que a inflação for superior a 5%.

No entanto, os problemas devem continuar no próximo ano. O percentual de OCC conquistado pelas categorias corresponde somente à suplementação de verbas para este ano e o governo federal não garante o mesmo índice para 90. Nem a própria suplementação estava confirmada quando as aulas voltaram à normalidade nos campi de todo o Brasil. Os 223 milhões do segundo semestre dependiam de aprovação pelo Congresso Nacional, que não abriu mão de seu recesso parlamentar.

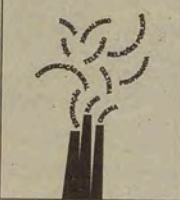
Mesmo assim, a greve foi considerada vitoriosa pelos comandos, que consideram como maior conquista a "unidade entre as categorias", forjada na construção da campanha SOS Universidade.

Textos
Jacques Mick

Desde 86, um sindicato de luta

*Mas as redações
ainda abrigam
velhos pelegos*

INDÚSTRIAS CULTURAIS



Uma mesa, três escrivainhas, uma máquina de escrever e a vergonha de ter feito papel de delator para o

Serviço Nacional de Informações (SNI) durante a ditadura militar. Foi o que restou do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina depois de 32 anos nas mãos de um grupo atrelado ao Estado e empresários, segundo Celso Vicenzi, membro do Movimento de Oposição Sindical (MOS) e atual presidente da entidade.

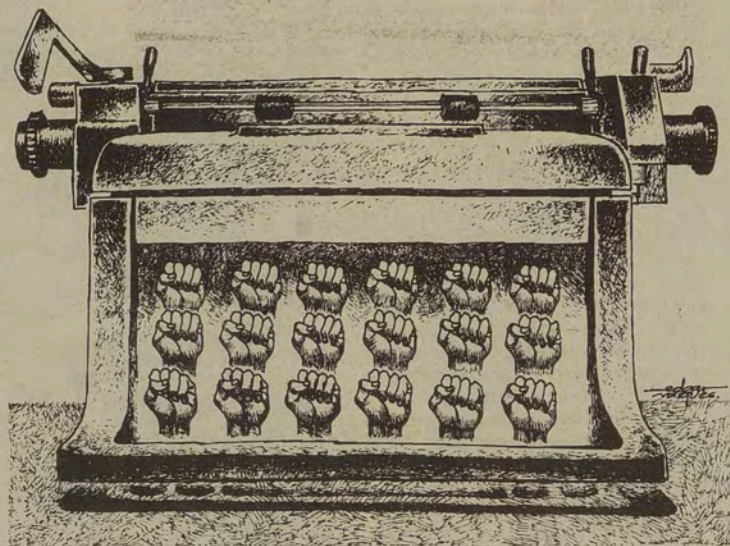
O MOS foi criado em 1982 no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Dele faziam parte jornalistas profissionais e alunos do curso que já atuaram no mercado de trabalho. O movimento funcionava como um sindicato paralelo, se aproximando de categoria e tentando despertar o interesse pela sindicalização como forma de defesa de condições dignas de trabalho e remuneração.

Entretanto o sindicato continuava controlado pelos "pelegos".

Era urgente tomar a direção e acabar com aquele apêndice do sindicato patronal, que fazia reuniões para discutir a crise do papel enquanto a categoria via o salário despencar a cada dia. Vieram as eleições em 1984 e o MOS lançou o jornalista e ex-professor do curso Ailton Kunitz à presidência. Ele venceu por apenas um voto e foi preciso realizar nova eleição, onde, com fraudes (como a falsificação dos votos por correspondência) o MOS foi derrotado por 19 votos.

Somente em 1986 é que o movimento assumiu a entidade. O número de associados, que era inferior a 200 em 84, é hoje de 550 em todo Estado, além de 47 filiados que se encontram fora de Santa Catarina. O piso salarial que era Cz\$ 20,00 abaixo do salário mínimo em 86, deve chegar a NCz\$ 883,00 em agosto, quando o salário mínimo será de NCz\$ 192,88. "Nós estamos lutando para não deixar a defasagem ultrapassar os 15% previstos em lei", garante Celso. Mas, na verdade a luta maior é convencer os patrões pagarem o que consta nas decisões legais.

Outra luta é a da falsificação dos irregulares no mercado de trabalho. Há 900 jornalistas no Estado, dos quais 500 sindicalizados, 160 são provisionados e 410 são profissionais. Na tentativa de evitar a invasão dos alienígenas o sindicato firmou acordo com a categoria o curso também participou — fechando o mercado para quem não tivesse diploma depois de agosto de 88. Foi feito também um convênio com a Delegacia Regional do Trabalho (DRT) para evitar fraudes na



concessão de registros profissionais.

MERCADO X COMPETÊNCIA

Depois da entrada do grupo RBS formado por duas rádios FM, uma rádio AM, um canal de TV e um jornal diário, que absorvem o mercado de outros jornais, a mídia impressa é quem está na pior posição, diz Celso. Há uma perspectiva de que se reduza o número de jornais. A situação do Jornal de Santa Catarina e de O Estado é delicada, enquanto A Notícia, como tem o apoio de empresas, está numa situação melhor. Um campo que está em ascensão é o das assessorias de imprensa e dos profissionais autônomos que montam empresas de comunicação ou de vídeo, e três outras.

"Mercado tem, o problema é a qualificação profissional". É em nome dessa qualidade mencionada pelo presidente do sindicato que o Diário Catarinense, jornal da RBS, resolveu oferecer um curso para os profissionais a serem admitidos, a exemplo da Folha de São Paulo.

Na opinião de Celso o curso é uma jogada de marketing para mostrar que o jornal escolhe profissionais capacitados, além de servir para fazer uma seleção ideológica dos empregados, já que muitos jornalistas são demitidos por serem

conscientes. Não uma consciência partidária mas por questionarem a política da empresa".

Sobre a qualidade dos profissionais formados na UFSC o sindicato não tem dados mas seu presidente, que foi aluno do curso nota que em sua época os estudantes se interessavam mais pela atitude sindical e até compareciam às assembleias, mesmo sem direito a voto, o que não acontece hoje. "Mas o curso está bem melhor aparelhado que antes".

GREVES

Um tabu derrubado durante a gestão MOS foi o da greve. Houve duas, neste ano, uma no Jornal de Santa Catarina e outra no O Estado. A greve do "Santa" durou apenas um dia e foi deflagrada por atraso de salários. A de "O Estado" foi mais longa, durando 12 dias. No começo a paralisação foi por questões salariais e o sindicato nem foi comunicado. Depois de levar o problema à entidade para ser discutido, os grevistas ampliaram o leque de reivindicações que incluía a garantia de 60 dias para quem parou.

Com a paralisação do sindicato os grevistas conseguiram trocar uma lista de 12 funcionários do jornal a serem demitidos após a greve por outros que já queriam sair, que eram um total de 16. Além do fim do tabu houve outra conquista: as pessoas que iniciaram o movimento ficaram até o fim, apesar de todas as dificuldades.

Deise Freitas

Conversa fiada por poder domina a mídia no campo

Quem pretender trabalhar com comunicação rural no estado de Santa Catarina não possui muitas alternativas além do concurso público para ingresso em empresas do governo. Outras possibilidades são as cooperativas, os sindicatos, as igrejas e os veículos de comunicação do interior do estado. Mesmo assim é pouca a informação que chega às mãos do pequeno agricultor.

A Associação Catarinense de Crédito e Assistência Rural (Acaresc) possui um projeto de rádio e produz além de vídeos para emissoras locais, o programa "De olho na terra" e completa o trabalho de extensão rural com boletins, folhetos, folders e cartazes.

O projeto de rádio da Acaresc envolve dois programas gravados na capital, uma semana antes de irem ao ar, em emissoras de todo o estado. O programa "Panorama Agrícola" é veiculado por 30 rádios AM de Santa Catarina. A linguagem é acessível e trata dos problemas do pequeno agricultor, escolhendo assuntos atualizados para os seus 10 minutos diários. O programa "Vida Rural" é vinculado aos sábados pela manhã durante uma hora e é destinado a "homenagear

o agricultor" com música, informação e cultura. Orientados pela Acaresc pequenos grupos não especializados fazem programas locais veiculados gratuitamente nas emissoras.

Uma pesquisa da Acaresc mostra que 50% dos agricultores possuem televisão. E o programa "De olho na terra" produzido pela empresa pretende atingir esse público. Baseado em informações e dicas para a família rural, o programa vai ao ar duas vezes diariamente pela rede SCC com duração de 10 minutos.

A comunicação escrita da Acaresc pretende educar e informar o agricultor utilizando folhetos e cartazes com linguagem bastante simples. Além da mensagem para o agricultor, circulam boletins técnicos distribuídos internamente ou para um público específico.

No caminho da linguagem especializada, a revista "Agropecuária Catarinense", produzida pela Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina (Empasc), atende os agrônomos e técnicos agrícolas. Os próprios agrônomos escrevem as matérias e as submetem aos revisores.

As cooperativas ainda contam com os comitês educativos, formados por cooperados representantes das comunidades. Das cerca de 160 cooperativas do Estado, 10 possuem o jornal como meio de comunicação, 18 o rádio e 26 os comitês educativos. Essas cooperativas fazem comunicação local. A Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina (Ocesc) edita o jornal "Elo Cooperativo", um órgão oficial de informação, distribuído aos dirigentes e a alguns associados da Ocesc.

Além do rádio, a comunicação mais próxima do agricultor é a realizada através da igreja e das Comunidades Eclesiais de Base (Ceb's) e dos sindicatos de agricultores. Os veículos, nesse caso, são os panfletos, jornais, informativos e o rádio, além de palestras e reuniões. A informação por esses órgãos chega com mais frequência à casa do agricultor e pode realizar um trabalho de conscientização muito mais amplo.

Denise Rockenback

Ondas livres agitam o ar e querem impor democracia

Desde o dia 25 de julho há algo novo no ar de Florianópolis e não é poluição. São as ondas da rádio "Césio 107", rádio universitária livre, que iniciou suas transmissões em FM ao meio-dia. De um ponto qualquer da universidade começou mais uma tentativa de dar uma agitada diferente na mesma monotonia do mundo das ondas sonoras em frequência modulada.

Financiada pelo DCE, órgão de representação estudantil, que faz questão de assumir a paternidade, a "Césio" foi montada com uma pequena aparelhagem: um três em um, com um transmissor de 40 W de potência, ligado a uma antena. A aparelhagem é pouca mas funciona, como ressaltam os organizadores da rádio, que esperam ansiosamente a chegada de um mixer, instrumento que possibilitará cortes mais sutis nas trocas de músicas e locuções.

Você que mora no centro, desista de sintonizar um som alternativo, pois o alcance da "Césio" se restringe ao campus universitário e aos bairros do Pantanal, Trindade, Córrego Grande, Carvoeira, Santa Mônica e, com muita sorte, parte do Saco dos Limões e Agronômica. "Não vamos longe, mas podemos atingir nosso objetivo, que é estabelecer um canal de comunicação com os estudantes da UFSC", diz um dos coordenadores de produção da rádio.

Funcionando em horários restritos (do meio-dia a uma da tarde e das 19 às 20 horas) somente nos dias úteis, a "Césio" tem sua programação e execução feita por universitários, que se dividiram em cinco equipes de produção — uma para cada dia da semana — e, por enquanto, só têm uma norma para reger suas seleções musicais: "Ser diferente, fazer uma rádio alter-

nativa". Conforme o próprio pessoal que "toca" a Césio, não é fácil ser alternativo: "Fazer a galera ouvir notícias em FM sem pensar que está passando a Voz do Brasil, conseguir uma boa discografia sem recursos, transmitir em mono e manter um público não é fácil mesmo".

É, nem tudo são flores. A Rádio "Césio 107", além de ser universitária e livre, é pirata e ilegal, já que oficialmente não tem concessão para transmitir. As pessoas que organizam a "Césio" e são ligadas ao DCE explicam que a questão tem um fundo não só legal, como principalmente político. Extra-oficialmente o Dentel já teria liberado a concessão para uma rádio universitária, mas, por motivos políticos, ela não se concretizou. "Oficialmente ninguém diz nada", desabafam os organizadores da rádio, "o reitor havia prometido a instalação para o ano passado, mas nada aconteceu. Então, nós resolvemos fazer". Sendo a emissora um fato concreto, além de um meio de comunicação, ela se torna um instrumento de pressão, mesmo porque o Dentel, para entrar na UFSC e lacrar o transmissor, precisa da autorização do reitor.

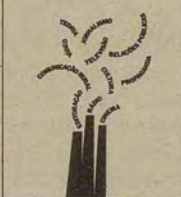
Universitária, livre, pirata ou ilegal, o certo é que está no ar. Muito se pode dizer sobre a ilegalidade das transmissões piratas, que constituem um crime federal, assim como muito se pode dizer das patifarias que envolvem a liberação das concessões de canais de TV e rádio, mas... em vez de discutir, ouçam: é a "Césio 107 contaminando você!!!"

Pedro Saraiva

Jornais de SC são maus patrões

Duas greves num ano não mudaram este quadro

INDÚSTRIAS CULTURAIS

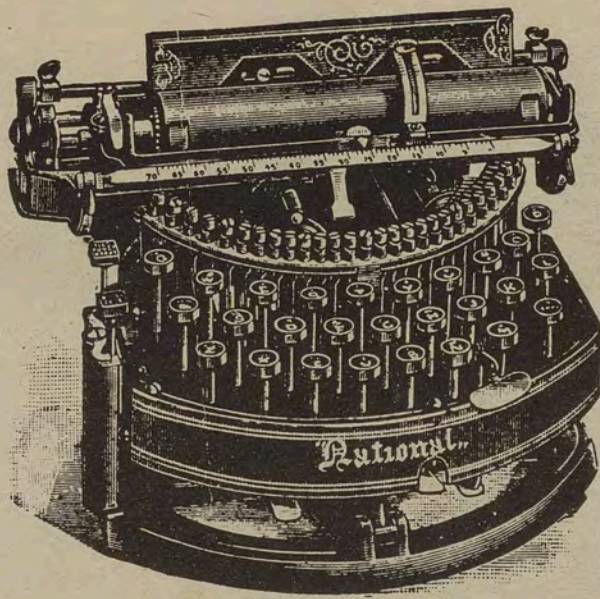


Os quatro jornais diários que atingem todo o estado de Santa Catarina com uma tiragem aproximada total de 100 mil exemplares (segundo dados dos próprios veículos) possuem algumas características comuns. Todos proclamam que divulgam somente a "verdade" nos slogans publicitários. Todos defendem a "livre iniciativa". Todos são maus patrões (pagam mal e demitem sem justa causa).

Fundado a 13 DE MAIO DE 1915, O Estado é mais antigo jornal em circulação. Pertencente à "Empresa Editora O Estado Ltda", que também possui os rádios Guarujá AM e Antena 1 FM e é associado à TV O Estado, o jornal conta com 68 jornalistas na redação.

Apresentado em formato standard, o Estado incentiva a livre iniciativa e é contra a estatização da economia, apesar de afirmar que "não tem compromissos políticos". É direcionado a um público de classe média alta, "com grande penetração nos meios político, empresarial e acadêmico", apesar de, no campus universitário, o veículo mais consumido ser a Folha de São Paulo.

De março para cá, as vendas de O Estado vêm aumentando substancialmente, 500% conforme o departamento de circulação. Esse crescimento é atribuído ao fato de as editorias de polícia e esportes estarem ocupando maior espaço no jornal. Atualmente o veículo circula seis dias por semana, mas até o final de setembro o jornal pretende voltar



a circular também nas segundas-feiras.

Com a matriz localizada na capital, no bairro Saco Grande (interior da Ilha), o jornal conta com sucursais em sete cidades do estado e representantes em mais de 30 municípios.

Durante os dias úteis, a tiragem de O Estado é de 35 mil exemplares em média. Aos domingos, esse número sobe para mais ou menos 55 mil. Desse exemplares, mais de 20 mil vão direto para as casas dos assinantes, o que constitui o forte do jornal, já que não vende muito nas bancas. Os grandes pólos de venda do jornal são as zonas litorâneas e em cidades como Lages, Tubarão e Criciúma.

Com toda esta estrutura de "o mais antigo", o jornal foi "premiado" com uma greve de jornalistas que durou 12 dias no mês de fevereiro deste ano. Motivos não faltaram: os pagamentos salariais atrasavam todos os meses, os próprios salários estavam defasados e o sindicato propunha a colocação em pauta da reposição de 85% a ser discutida no dissídio da categoria, em maio. Sem conseguir negociar por causa da intransigência do dono do jornal, os repórteres voltaram ao trabalho. Foram recebidos de braços abertos pelos "pelegos" que furaram a greve, junto com uma lista negra que exigia a demissão imediata de 12

líderes do movimento. A redação parou de novo, negociou com o patrão, conseguiu estabilidade de 60 dias e trocou as 12 lideranças por outros nomes já dispostos a se demitir do jornal.

Alguns dos demitidos de O Estado trocaram de camisa e foram para o jornal A Notícia, fundado em 24 de fevereiro de 1923. É um veículo conservador, que adota uma "linha mais didática, com um único objetivo, o de bem informar". Possui 50 jornalistas contratados.

A Notícia é um jornal de Joinville (onde é o mais vendido) e possui sucursais em 16 municípios do Estado. Atinge um público que vai desde trabalhadores da indústria até a comunidade acadêmica.

Sua tiragem durante a semana é de 23.500 exemplares, e aos domingos de 24.091 mil.

Assinam o jornal 18.500 leitores espalhados por todo o Estado. E No dia 2 de setembro, o Jornal de Santa Catarina completou 19 anos de fundação. O JSC, com matriz em Blumenau, sempre foi mais voltado ao empresariado, principalmente da região do Vale do Itajaí, onde tem maior número de leitores. Aliás, o leitor do "Santa", é mais conservador, de influências da descendência européia e pouco suscetível a novidades.

Pertence ao grupo "Empresa Editora Jornal de Santa Catarina", tem nove sucursais no Estado e representantes nas dez principais capitais do país. Sua tiragem tiragem em standard é de 25 mil exemplares em dias úteis e 30 mil aos domingos e feriados, circula de terça a domingo. Possui uma média de cinco mil assinantes.

Também mau pagador, o Santa no fim do ano passado foi surpreendido por uma greve de jornalistas que durou alguns dias reivindicando mais salários. Rolaram algumas cabeças que dirigiam sucursais, a editora-chefe pediu demissão mas uma semana depois já assinava uma entrevista especial com o governador do Estado, então em licença para tratamento de saúde com os pais-de-santo do Rio.

Tendo completado três anos de fundação no dia três de maio passado, o Diário Catarinense é mais novo jornal de Santa Catarina e também o único informatizado. Totalmente equipado com a programação do Composition Systems, Inc. (CSD), o jornal foi o primeiro a lançar a tecnologia "On Line" no país, comparável aos mais avançados sistemas americanos e europeus.

Possui sedes de redação em Joinville, Blumenau, Chapecó, Criciúma e Lages, equipadas com terminais de vídeo ligados em linha ao computador central que fica na sede em Florianópolis. Mantém ainda sucursais em 13 cidades do Estado e nas principais capitais do país.

O Diário Catarinense é uma empresa do grupo Rede Brasil Sul de Comunicação, que também possui quatro rádios no estados (duas AM e duas FM) e quatro emissoras de TV. Estima-se que o Diário seja o jornal de maior circulação no estado, mas não se tem dados exatos quanto à tiragem. O jornal recusou-se a atender à reportagem do Zero. Presume-se que o Diário pretende repetir, em Santa Catarina, a história da Zero Hora, jornal do mesmo grupo que hoje detém o virtual monopólio da imprensa no Rio Grande do Sul.

Texto: Jacques Mick
Reportagem: Gisele Dias

Emissoras de TV priorizam telejornais

Doze emissoras de televisão cobrem todo o estado de Santa Catarina com a programação das quatro principais redes nacionais. A TV Educativa tem repetidoras nas cidades de Florianópolis, Tubarão, Lages, Joinville e Blumenau. Somente em Florianópolis são quatro emissoras locais, a Rede Brasil Sul (RBS) filiada a Globo, a Rede de Comunicações Eldorado (RCE) da Bandeirantes, TV Barriga-Verde ligada à Manchete, e a mais recente de todas, a TV O Estado, que transmite a programação do SBT.

A TV Barriga-Verde, que teve sua programação levada ao ar na capital catarinense em outubro de 1982, pretende se expandir para todo o estado. No ano passado ela se instalou na cidade de Joaçaba, meio-oeste de Santa Catarina. Dependendo do horário, a TV Barriga Verde chega a atingir o pico de 29 lugar nos índices de audiência, conforme pesquisas realizadas pela própria emissora, pois ela não utiliza os serviços do IBOPE. Segundo o coordenador de programador de programação da Barriga-Verde, Roberto Bertolin, o jornalismo do canal 9 é tratado de forma independente e com abertura política. O grande problema, lamenta Bertolin, é a falta de analistas nos programas que impedem a existência de um jornalismo crítico.

Fundada em Florianópolis em 1970, a RCE também pretende ampliar sua rede estadual. Além da capital, Criciúma e Itajaí, a filiada da Bandeirantes quer ainda abrir uma emissora na cidade de Xanxerê. Para o diretor de programação da RCE, Ariel que o objetivo é "informar e não formar opinião".

Formando o sistema Catariense de Comunicação com as TV Planalto de Lages e a TV O Estado de Chapecó, a TV O Estado de Florianópolis foi inaugurada no dia oito de agosto deste ano. Segundo o diretor de marketing da emissora, Marcelo Petrelli, a nova TV procura fazer um jornalismo comunitário e de serviço.

A Rede Brasil Sul conta com a maior estrutura televisiva do estado. A RBS está instalada em Florianópolis, Joinville, Blumenau e Chapecó, formando assim o serviço de informação da Rede Globo.

Fabiano Melato

Ana C. Menezes

Rádios não priorizam informação

Mas o jornalismo tenta sobreviver em pouco espaço

As ondas de rádio começaram a se agitar em Santa Catarina em 1934, ano em que foi ao ar, em Blumenau, a PRC-4, a primeira emissora do Estado e a quarta do Brasil. Cinquenta e cinco anos se passaram e mais 135 emissoras surgiram, 92 AMs, 44 FMs e duas OCs. A PRC04 sobreviveu e atende hoje pelo nome de Rádio União, vinculada à Fundação Isacc de Comunicação.

Na programação diária dessas

emissoras o radiojornalismo ocupa, em muitos casos, papel secundário. Esse quadro de inanição da informação radiofônica é mais grave no litoral (onde apenas uma emissora — a rádio Camboriú, de Balneário Camboriú, apresenta equipe jornalística), mas, a medida em que se avança ao oeste de Santa Catarina, a preocupação em veicular material informativo voltado às necessidades do rádio aumenta. Isso se deve às características culturais do oeste, colonizado por gaúchos, herdeiros da tradição radiojornalística da Argentina e uruguaia. E no oeste catarinense que se localiza a emissora que apresenta o melhor jornalismo, a Rádio Rural AM, de Concórdia: equipes de locutores, repórteres e comentaristas distribuídos em 20 horas de programação diária. A Rádio Rural é também a mais potente, com 20 mil watts.

A Secretaria de Comunicação do Estado está tentando recuperar o

radiojornalismo em Santa Catarina. Para atingir esse objetivo ela está realizando "um verdadeiro corpo a corpo com as emissoras", conforme o chefe do Departamento de Rádio da Secretaria, Marcelo Fernandes. No seu estúdio, a secretaria vem desenvolvendo noticiários, especiais e documentários veiculados pelas emissoras do interior, principalmente emissoras da Capital.

Com exceção do trabalho realizado pela Secretaria de Comunicação, o radiojornalismo ainda engatinha em Florianópolis. As emissoras se limitam ao "gilete press" e muitas nem se dão ao trabalho de mudar para linguagem radiofônica as notícias recortadas dos jornais impressos. Mesmo assim os grupos de comunicação procuram completar suas redes incluindo uma emissora na capital. A RCE (Rede de Comunicação Eldorado) ganhou quatro concessões para FM ano passado e já está implantando uma

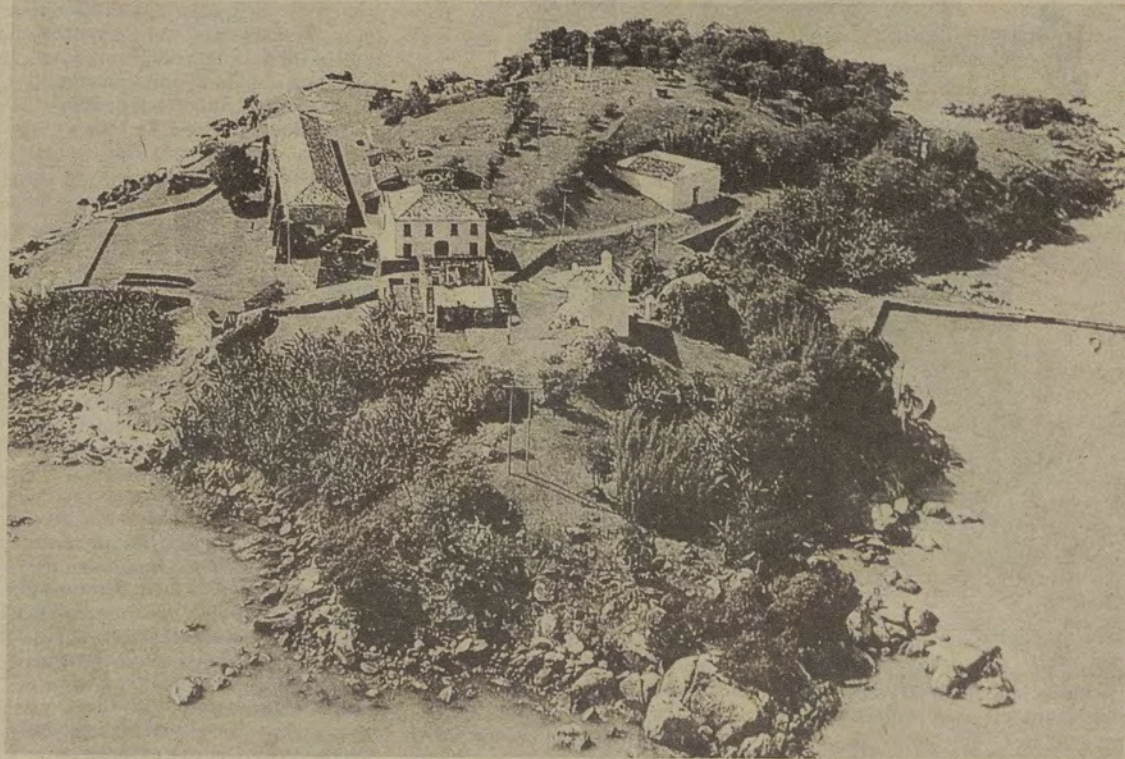
emissora em São José (Grande Florianópolis). Ela pretende filiar todas as suas FMs do estado à rádio Cidade FM, de São Paulo. A RCE possui ainda na Capital duas AMs, a Rádio Cultura e a Rádio Guararema. A gaúcha RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações) mantém três emissoras em Florianópolis, duas FMs (Itapema e Atlântida) e um AM (Diário da Manhã). O Grupo Perdígão tem uma FM (Barriga-Verde), além da emissora de TV, e a Fundação Isacc mantém a União FM. O jornal O Estado é responsável pela Antena 1 FM e Guarujá AM (que também transmite em onda curtas). O panorama de rádios na capital se completa com a Musical FM, a Rádio Santa Catarina AM e a emissora de ondas curtas Marumbi.

INDÚSTRIAS CULTURAIS



Mais tarde, em 1651, é que iniciou a colonização com a chegada dos bandeirantes e dos açorianos. A caça e a pesca eram a base da economia. O povoamento e o desenvolvimento eram objetivos que precisavam ser alcançados. Mas antes

Óíóíóíóíóí.
Se quéis,
quéis, se
não quéis
diz". Se
estas fo-
ram as
primeiras
palavras
que você

[illegible]

era preciso proteger a colônia de invasões estrangeiras. Foram construídas então 11 fortalezas, das quais restam vestígios de quatro: o Forte de Santo Antônio, na ilha de Ratoões; o Forte Santana; o de São João da Ponta Grossa, na praia de Jurerê e o forte de Santa Cruz, na ilha de Anhatomirim.

Com 11 fortalezas qualquer povo estaria seguro, mas o português não. Na única vez em que os piratas espanhóis aqui estiveram, em 1777, tomaram todas as fortificações sem disparar um único tiro. Isso mesmo, sem disparar um único tiro. Sabendo que o português é um povo, diríamos assim,

Depois de toda repressão, massacre e torturas, Desterro mudaria de nome, ganhando em troca o ... de Florianô Peixoto!? Novamente: quanto maior a farsa, maior a premiação. Assim, terminada a revolução, a cidade, em 1894, mudou seu nome para Florianópolis, através da Lei nº 111, de 1.º de outubro de 1894, sancionada já pelo governador, Hercílio Luz. Vale lembrar que quando o torturador Moreira César aportou aqui, o governador estava no Paraná, não sofrendo nenhum tipo de violência. E mais tarde, em 1926, a primeira ligação entre o continente e a ilha, levaria seu nome: a ponte Hercílio Luz. A teoria não falha: quanto maior a farsa, maior a premiação.

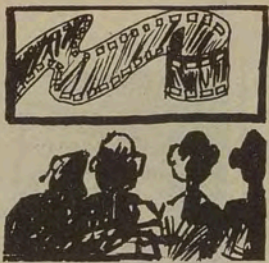


Floriano armou então uma nova esquadra, que conquistaria Desterro no dia 17 de abril de 1894. Sob sua ordem e com o comando do coronel Moreira César, as tropas federais praticaram as maiores violências: matança de cidadãos indefesos, saques, estupros, incêndios.

Atualmente, Florianópolis mudou muito. Das florestas imensas, restaram alguns grupos ecológicos, das pequenas casas e vilarejos, surgiram grandes prédios, da aldeia dos índios carijós e dos açorianos, nasceram os “manezinhos da ilha”, da ligação ilha-continente feita por barcos, vieram duas pontes: uma fechada para automóveis e a outra, que já não suporta o fluxo diário. Mas apesar de tudo, Florianópolis, a “terra dos casos e ocasos”, a “terra do já teve”, continua sendo aquela mesma ilha, aquela, que “jamais algum poeta teve tanto pra cantar”. “Não tem”?

Rafael Masseli

Tudo o que você precisa saber



CINEMAS

Oito cinemas com horários diferentes

Dos oito cinemas que Florianópolis tem, quatro se localizam no centro, e os outros três nos bairros Agrônômica, Estreito e em São José — no Shopping Center Itaguacú. A programação dos filmes é fornecida pelos jornais e pelo prefixo telefônico 139. O horário programado para os filmes diferem da maioria das outras capitais. O cine Carlitos, São José, Cecomtur e Ritz tem sessões noturnas a partir das 19h45min e 21h45min, enquanto o CIC e o Art-7, às 21h00. O cine Center tem o horário das 20h00 e 21h00, e o Scala das 19h30min e 21h00. Segue a lista:

CIC (Agrônômica): avenida Irineu Bornhausen, 500, fone 33.2166. **Art-7** (Centro): esquina da rua Dom Joaquim com São Jorge, fone 22.0466. **Carlitos** (Centro): rua João Pinto, 30, fone 23.7973. **Cecomtur** (Centro): rua Arcipreste Paiva, 15, fone 22.3435. **São José** (Centro): rua Padre Miguelinho, 25, fone 22.3435. **Ritz** (Centro): rua Arcipreste Paiva, 06, fone 22.3435. **Center** (São José): Shopping Center Itaguacú, fone 46.0744. **Scala** (Estreito): rua Gaspar Dutra s/nº. O cine Scala só exhibe filmes pornográficos.

Boates não abrem diariamente

Chandon (Centro): Rua Felipe Schmidt, 110, fone 22.3183. Aberta sextas e sábados, invadida pelos jovens todos os sábados. **Dizzy** (Centro): Avenida Beira-Mar Norte, fone 22.1256. Aberta sextas e sábados, com movimento jovem às sextas e para casais aos sábados, dois ambientes: um para

dançar e outro com piano-bar.

Ecco Club (Centro): Al. Adolfo Konder (próximo à ponte Hercílio Luz), fone 23.5780. Aberta sextas e sábados, som jovem em ambiente descontraído.

Shampoo (Centro): Av. Beira-Mar Norte. Todas às sextas e sábados muito som e ambiente jovem.

TÁXI

Aqui como arranjar um táxi rápido

Se você precisar de táxi a qualquer hora ou lugar disque 197. Este é o prefixo telefônico do tele-táxi. Mas se este telefone estiver ocupado, procure nestes telefones o ponto que estiver mais próximo:

Centro: Av. Rio Branco, fone 22.9888. Rua Deodoro, fone 22.8602. Rua Francisco Tolentino, fone 22.0034. Largo Benjamin Constant, fone 23.1068. Mercado Público, fone 22.1259. Pça. Bandeira, fone 22.4679. Pça. Pereira Oliveira, fone 22.4088. Pça. XV de Novembro, fone 22.5122. Rua Presidente Coutinho, fone 22.7660.

Trindade: Pça. Santos Dumont, próxima ao Campus Universitário, fone 33.2247.

Terminal Rodoviário Rita Maria: fone 23.1198.

Estreito: Rua Aracy Callado, fone 44.0101. Av. Santa Catarina, fone 44.2134 e na Rua Santos Saraiva, fone 44.1301.

ÔNIBUS

Linhas que atendem o campus

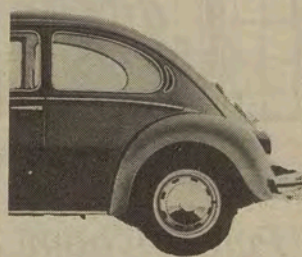
Duas empresas de transporte coletivo atendem a Universidade Federal com ônibus urbanos. São duas linhas específicas que ligam o centro ao campus. O "Cidade Universitária" da Limoense que circula das 06h15min da manhã até a meia-noite, saindo do terminal urbano "Cidade de Florianópolis" e indo até o Centro de Ciências



Biológicas (CCB). O "Expresso Universitário" da Trindadense, começa a rodar às seis da manhã e só pára às onze da noite, seu itinerário liga o campus ao centro pela avenida Beira-Mar Norte. A única opção depois da meia-noite é o "Madruga-dão", que faz uma linha circular passando pelo Centro de Ciências e Saúde (CCS) de hora em hora. Os intervalos das linhas regulares dos ônibus são de dez e cinco minutos — nas horas de pique. Existem ainda três linhas alternativas que servem o campus, a "Trindade", "Patanal" e "Córrego Grande", todas passando pela Biblioteca Universitária.

TURISMO I

Se você necessitar informações turísticas na cidade pode se dirigir a diferentes locais: **Portal Turístico** (cabeceira da ponte Colombo Salles, fone 44.5960); **Praça XV de Novembro** (centro, fone 156-Setur); **Aeroporto Hercílio Luz** (fone 33.0011); **Terminal Rodoviário Rita Maria** (fone 23.2777, ramal 158); **terminal da Praia da Joaquina** (Praia da Joaquina, fone 32.0399).



LOCADORAS

Muitas opções em locadoras

As locadoras de automóveis cobram uma diária fixa ou por quilometragem, mais taxa de serviço. Algumas oferecem seguro opcional. Em agosto a diária de um Fiat ou Fusca (os mais baratos), estava em torno de NCz\$ 130,00 e o Opala ou Monza (os mais caros) custavam NCz\$ 350,00. As empresas aceitam cheque especial e cartão de crédito. Os documentos necessários são: a carteira de habilitação, CPF e carteira de identidade. O motorista deve ter no mínimo 21 anos.

O Aeroporto Hercílio Luz oferece o serviço de quatro locadoras: **Aptasul Locadora Veículos Ltda.** (Aeroporto, fone 36.1278), **Auto Locadora Coelho Ltda.** (Aeroporto, fone 36.1248) e **Felipe Schmidt, Centro**, fone 22.5578), **Ilhacar Locações Veículos Ltda.** (Aeroporto, fone 36.1244) e **Localiza Nacional** (Aeroporto, fone 36.1244, avenida Paulo Fontes s/nº - Centro, fone 22.5578).

No centro, da cidade as opções para quem não quer se ver espremido num ônibus são: **Locavel Rent-a-car** (Terminal Rodoviário Rita Maria, fone 22.2550), **Aero-Veículos Serviços Ltda.** (Av. Rio Branco 110, fone 22.8099), **Locadora Locasul** (rua São Jardim 194, fone 22.5099), **Locacar Locação de Veículos Ltda.** (Av. Rio Branco 190, fones 22.9147 e 22.4640), **Locadora Unidas Rent-a-Car** (Av. Rio Branco 110, fone 22.8099) e **Locadora VZ-Car** (rua Felipe Schmidt 98, fone 23.3680).



TURISMO II

Passeios com desconto

A empresa Ilha Lap Turismo tem convênio com a organização do Intercom-89 e está oferecendo descontos aos participantes em cinco roteiros turísticos.

Roteiro 1: se você quiser conhecer Florianópolis através do mar, há um pequeno cruzeiro a bordo do Scuna Sul. O passeio inclui passagens sob a Ponte Hercílio Luz, Baía Norte, Ilhas Ratonas Pequena e Ratonas Grande, e ainda uma parada na Ilha de Anhatomirim que possui uma fortaleza do Século XVIII, restaurante e

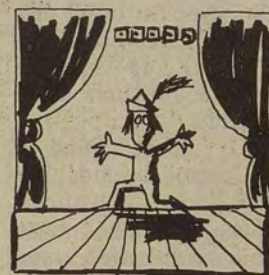
aquário. Deve haver um mínimo de dez (10) pessoas interessadas e o preço é de NCz\$ 35,00 por pessoa. Saídas às 10h30min próximo ao Scuna Bar, sob a Ponte Hercílio Luz com chegada às 16h no mesmo local.

Roteiro 2: consta de passeio rodoviário pela Lagoa da Conceição, praia da Joaquina, Barra da Lagoa e Praia Mole. Esse passeio se realiza na quinta-feira, 07 de setembro, com saída às 13h30min da UFSC e chegada às 18h30min. Preço: NCz\$ 20,00 por pessoa.

Roteiro 3: Passeio pela praia do Campeche, Lagoa do Peri, Morro das Pedras e praia da Armação. O passeio é na sexta-feira, 08 de setembro, com saída às 13h30min da UFSC e retorno às 18h30min. Preço: NCz\$ 20,00 por pessoa.

Roteiro 4: um passeio por praias do norte da ilha como Sambaqui, Santo Antônio de Lisboa, Santinho e Brava. Esse se dá no sábado, 09 de setembro, com saída às 13h30min da UFSC, chegada às 18h30min. Preço: NCz\$ 20,00 por pessoa.

Roteiro 5: Passeio à cidade de Blumenau, a 130km de Florianópolis. No retorno passagem por Balneário Camboriú. Saída no domingo, 10 de setembro, às 10h do hotel, e chegada às 19h no hotel ou aeroporto. Preço: NCz\$ 50,00 por pessoa. Os contatos devem ser feitos na Ilha Lap Turismo, fone 23.7197, com Denise.



TEATRO

Florianópolis possui apenas dois teatros com programação regular: o Teatro do CIC (Avenida Gov. Irineu Bornhausen, 5000, Agrônômica, fone 33.2166) e o Teatro Álvaro de Carvalho, o TAC (Pça. Pereira Oliveira, Centro, fone 22.3422). No entanto, vale a pena se informar nos jornais diários quanto aos possíveis eventos em outros locais, como no teatro da UFSC.

PROGRAMAÇÃO SOCIAL

As festas do Intercom-89

A programação social do Intercom 89 prevê durante as noites do evento encontros, coquetéis e festas. Então anote:

Na **quarta-feira**, (dia 6), às 21:00 horas, haverá um coquetel na ante-sala do Centro Integrado de Cultura (Agrônômica) Av. Irineu Bornhausen, nº 6.000, oferecido pelo Artmanha Jazz Bar e Catarinense de Refrigere- rantes. Às 22:00 horas, está marcado um encontro no Artmanha Jazz

Bar, no mesmo prédio, com música ao vivo dos grupos de Maurício Cavalheiros e do Quinteto Jazz Brasil.

Na **quinta-feira**, (dia 7), às 22:00 horas, haverá um coquetel oferecido pela Portobello, na abertura da mostra de cartunistas, que contará com a presença de alguns autores.

Na **Sexta-feira**, dia (8), às 20:00 horas, está programado um encontro no Bar Papo Palua, na

Lagoa da Conceição, com dança e música ao vivo. É bem provável que após estas apresentações, teremos um baile.

No **sábado**, (dia 9), fechando a programação social do Intercom-89, haverá um jantar de confraternização e festa de encerramento no bar e restaurante Arante, que fica de frente para o mar em Pantano do Sul) com venda antecipada de convites. Compareça, nós estamos esperando você.

Jornalismo já tem sua teoria

A teoria, na prática, só é outra se a teoria for ruim. Partindo desta desconfiança é que Adelmo Genro Filho líquida algumas teorias ensinadas em escolas de comunicação, em relação a seu potencial para explicar o jornalismo. Desta crítica, nos leva de volta à Filosofia Clássica Alemã e busca na dialética de Hegel a essência dessa forma de conhecimento. A conclusão é simples e arrasadora, como toda grande idéia. A viagem, fascinante. Acompanhe o raciocínio de Adelmo nesta palestra, proferida em 1987 num Encontro Regional de Estudantes de Comunicação. E prepare-se: não fica de pé nem a "pirâmide invertida".



Adelmo Genro Filho
O SEGREDO DA PIRÂMIDE
Para uma teoria marxista do jornalismo

Uma teoria do Jornalismo é um terreno absolutamente virgem, inexplorado, porque até agora não há uma concepção teórica satisfatória a respeito do Jornalismo, especificamente.

Eu começaria colocando uma premissa básica sobre teoria. O que é teoria? Nós podemos dividir as formas de conhecimento humano, para efeito dessa exposição, fazendo uma simplificação: há, o conhecimento empírico, o conhecimento pragmático, o conhecimento do dia-a-dia, o conhecimento do senso comum, todos eles de um lado, porque são sinônimos, e de outro lado o conhecimento teórico.

O conhecimento empírico, do dia-a-dia, é aquele que obedece a uma observação particular, limitada, constata a existência de fenômenos e, a partir daí,

Na prática é que a teoria comprova a sua efetividade

digamos assim, formula esse acontecimento através de um discurso, mas sem uma generalização, sem uma universalização, do significado daquele fenômeno.

Por exemplo, a maneira diferente pela qual um físico abordaria um determinado fenômeno natural, o fato de eu jogar uma pedra para cima, e essa pedra cair. Esse fenômeno pode ser objeto de dois tipos de conhecimento: um, o conhecimento pragmático, o conhecimento que pode dizer o seguinte: as pedras, jogadas para cima, caem. Ou, outro conhecimento, ainda pragmático, embora mais geral: as coisas, quando jogadas para o ar, caem. Mas eu posso também fazer uma formulação rigorosamente universal sobre esse fenômeno, eu posso dizer alguma coisa assim como "matéria atrai matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias". Então, vejamos bem, eu formulei a essência desse fenômeno, através de uma universalização máxima, uma universalização rigorosa que explicita a essência de todos os acontecimentos, dessa ordem, de objetos que são jogados para cima e que são atraídos então por massas maiores. Embora, segundo a teoria da relatividade, essa lei esteja inclusive ultrapassada. Há outra explicação da gravidade, segundo a teoria da relatividade. Mas não é o nosso campo.

A teoria é importante, é indispensável, porque só a teoria fornece um tipo de conhecimento profundo capaz de direcionar a prática. A visão que nós temos, a visão comum, a visão vulgar que nós temos sobre a teoria é de que a teoria na prática é outra, mas isso é uma falácia. Na verdade, na prática é que a teoria comprova a sua efetividade e a sua realidade. Isso se for uma teoria correta, se for uma boa teoria, se for uma teoria que corresponda, efetivamente, à essência dos fenômenos. A única maneira de captar a essência das coisas é através de uma apreensão teórica, uma apreensão da universalidade do fenômeno. Daquilo que ele tem de essencial e de genérico, que é subjacente ao fato observado.

Como é que se chega à teoria? Chegar à teoria ou chegar ao conhecimento científico é um percurso muito árduo, exige um esforço até físico. Para abordar e para conhecer, pelo menos uma parte de todo o

Adelmo Genro Filho abre um novo caminho para a reflexão

conhecimento acumulado e um esforço de reflexão e de criatividade para apanhar essas realidades que não aparecem à primeira vista, que não aparecem aos olhos. Porque, vejamos bem, as coisas que aparecem aos olhos, e eu estou aqui parafraseando Saint Exupéry, não são coisas essenciais. O essencial é invisível aos olhos. Se nós tomarmos essa frase, metida a poética, de Saint Exupéry, e a interpretamos no sentido epistemológico, nós vamos ver que ele tem absoluta razão. O essencial não aparece aos olhos.

Por exemplo, o que é essencial no modo de produção capitalista. É que o modo de produção capitalista é um sistema baseado na produção de mercadorias. Mercadoria é uma coisa que, fora da relação conceitual, não aparece. Mercadoria é uma relação social complexa. Então, se nós formos olhar, da janela do nosso edifício, o capitalismo, tudo o que nós estamos vendo sobre o capitalismo não é essencial. São coisas, fenômenos, coisas que aparecem. Nós só podemos captar a essência desse modo de produção se nós abordarmos esse modo de produção teoricamente, e captarmos aquilo que não aparece, ou seja, como é que internamente ele funciona. Então esse é o trajeto, essa é a finalidade da teoria.

O jornalismo se encontra num impasse teórico. E eu falo do jornalismo aqui no sentido mais restrito do que é a comunicação em geral. Porque, grosso modo, as abordagens que nós temos sobre Jornalismo, caem em alguns extremos que, de algum modo, não perfazem o caminho da teoria. Já que eu afirmei há pouco, para vocês, que o caminho da teoria é o que leva ao concreto. Não é o caminho da observação empírica que leva ao concreto, porque o próprio concreto não aparece aos olhos, o que aparece é a superfície do concreto. O concreto é aquilo que é apanhado na sua essência. Então as definições que nós temos de Jornalismo, as concepções que nós temos de Jornalismo, a gente poderia, grosso modo, sintetizar em três versões para efeito dessa discussão. Já que não dá para fazer uma exposição de todas, os subcaminhos teóricos que são tomados na discussão do Jornalismo.

Radicalmente inédito

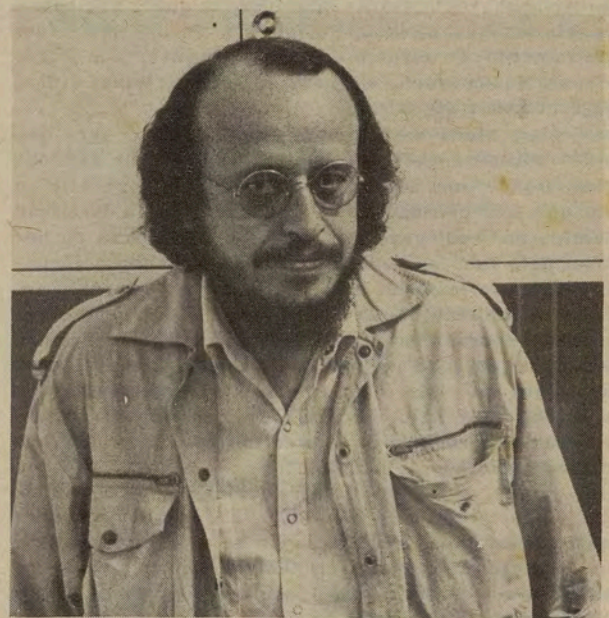
O livro de Adelmo Genro Filho, O Segredo da Pirâmide, (para uma teoria marxista do jornalismo), corre o risco de tornar-se um clássico na área de comunicação.

Explica-se: Adelmo ao longo das 230 páginas de seu trabalho realiza uma abordagem radicalmente inédita do fenômeno do jornalismo. Superando as análises tradicionais, presas ao empirismo ou aos aspectos puramente ideológicos do fenômeno, o autor define o jornalismo como "uma forma de conhecimento", que completa as dimensões que a ciência e a arte conferem à compreensão do mundo.

Neste sentido o jornalismo deixa de ser entendido tão somente como um instrumento de manipulação a serviço das classes dominantes para se constituir em um momento de efetiva apreensão do mundo pelo conjunto da humanidade. Esta é a pedra de toque que explica todo o ineditismo da obra de Adelmo. Além disto o texto vai abordar sobre um ângulo também novo as questões técnicas do jornalismo como a utilização do lead e da "pirâmide invertida". Problemas que até então a teoria não tinha conseguido explicar suficientemente.

Adelmo Genro Filho foi professor do Curso de Jornalismo da UFSC entre 1983 e 1988, período em que contribuiu com textos, artigos e livros, não apenas na área de comunicação mas também nas de filosofia e ciência política.

Sérgio Weigert
Professor e Jornalista



Arquivo/Zero

Uma forma de abordar o Jornalismo é considerá-lo sob o ponto de vista de uma generalidade abstrata. Vejam bem, se eu disser, por exemplo, Jornalismo é uma forma de comunicação. Isso é verdade. Ninguém tem dúvida que o Jornalismo é uma forma de comunicação. Isso é universal. Mas será que isso é teórico? Teórico no sentido de apanhar o concreto? Não! Porque só capta a generalidade, mas não capta aquilo que é específico do Jornalismo. Essa frase é tão grandiosa e importante quanto dissermos, por exemplo, que João é um ser humano.

O concreto não se vê com os olhos, só a sua superfície

O que num determinado contexto pode significar um conhecimento, por exemplo, se eu me refiro a esse sujeito que está sendo julgado na França. Se eu disser: o Klaus Barbie, em que pese seja um nazista e um assassino, é um ser humano. Então tem um sentido essa minha afirmação.

Agora, se vocês me perguntam, quem é o João? E eu respondo: o João é um ser humano, isso não adianta nada, isso é uma generalidade abstrata. Ou seja, é geral, mas é abstrato, não capta o concreto, só tem a generalidade, não contém a especificidade. Então, dizer que o Jornalismo é uma forma de comunicação, não nos diz nada, especificamente sobre o Jornalismo, é uma obviedade elementar e algumas das abordagens partem dessa definição: Jornalismo é uma forma de comunicação.

Outra maneira de abordar seria uma tradição mais especificamente positivista e funcionalista. Quando nós encontramos alguns conceitos que dizem, mais ou menos assim: Jornalismo é uma forma de comunicação que serve para integrar e adaptar o homem ao seu papel social. Vejam, eu avancei um pouco a generalidade, eu disse que não é uma forma de conhecimento qualquer, mas uma forma de conhecimento que serve para integrar o homem, para que ele funcione, dentro de um sistema ao qual ele pertence. Eu avancei um pouco, mas não cheguei ainda ao concreto. Porque? Porque o jornalismo, ele de fato, é também uma forma de educar, e de situar o homem no seu papel social e na sua função definida pela sociedade. Isso a gente pode observar.

Mas a pergunta que fica é a seguinte: será que o Jornalismo é só isso? Será que o Jornalismo é, exclusivamente, uma forma de integração do indivíduo no papel que a sociedade lhe atribui? Ou o Jornalismo teria uma potencialidade a mais? Além de ser isso, ele teria algo mais, uma potencialidade que transgride esse limite de uma mera integração funcional do indivíduo na sociedade. Ele é muito mais do que isso.

A terceira forma, que eu diria que é uma abordagem crítica do Jornalismo, mas uma crítica meramente ideológica, diz mais ou menos assim: Jornalismo é uma forma de comunicação que serve para reforçar a hege-

monia ideológica da burguesia e reproduzir a dominação de classe. É, no meu entendimento também uma verdade. O Jornalismo, exatamente fazendo a integração dos indivíduos, no papel social positivo, ou seja, o papel social dado que a sociedade lhe oferece, se eu vou analisar isso do ponto de vista crítico, eu perceberei que o Jornalismo, portanto, faz com que as pessoas funcionem regularmente nas funções que a sociedade de classe lhes atribui. Portanto o Jornalismo é um instrumento de reforço da ordem vigente, e a ordem vigente é uma ordem burguesa, capitalista, é uma ordem dada por uma sociedade de classes.

Mas, ainda assim, fica uma pergunta: será que o Jornalismo é exclusivamente uma forma de dominação? Onde nós tiraríamos a seguinte conclusão: o dia que nós conseguirmos ... acabar com a forma de dominação, com qualquer forma de exploração do homem pelo homem, conseqüentemente, sendo o Jornalismo uma forma de dominação, vai acabar o Jornalismo. É uma conclusão que se impõe dessa abordagem, desse tipo de abordagem crítica, que reduz o Jornalismo a uma das funções que ele tem, na sociedade de classes do ponto de vista dos interesses dominantes. Então o Jornalismo é isso, também. O Jornalismo é um instrumento de reprodução dos conceitos, das idéias, da ética, enfim, da ideologia dominante.

Então, vejamos o seguinte, que caminho tradicional de se partir de um conceito de Jornalismo, ou de qualquer ciência, para, a partir desse conceito elevar um edifício conceitual, tentando chegar a uma conclusão, é um caminho falso, porque se eu parto de um conceito de Jornalismo, de certa forma é um conceito que eu quero obter no fim, portanto eu já tenho a conclusão posta no início.

Então, uma abordagem, de alguma temática nova, no caso de uma abordagem do Jornalismo, não pode partir, exceto de um conceito provisório, que terá de ser comprovado e ampliado ao longo do desenvolvimento da reflexão e da discussão. Quer dizer, eu não partir de um conceito e desenvolver todo o restante do raciocínio em cima desse conceito, porque eu quero é chegar nesse conceito final.

Então nós vamos partir de um conceito provisório e depois tentar enriquecer esse conceito de Jorna-

Será o jornalismo apenas integração do indivíduo?

lismo. Esse conceito representa uma visão crítica sobre todas as outras formas de abordar o Jornalismo, que eu citei, ligeiramente, dividindo em três vertentes.

Eu diria o seguinte, que, antes de mais nada, o Jornalismo é uma forma social de conhecimento. Então eu reconheço que nós estamos partindo de uma generalidade abstrata, que é o nosso ponto de partida provisório, porque existem outras formas sociais, digamos assim, de comunicação, que implicam em conhecimento.

Eu posso citar a arte. Eu posso citar a ciência, que também é uma forma que funciona socialmente e que implica numa produção e apropriação de conhecimento. Então eu reconheço a debilidade inicial desse conceito, porque eu quero concretizá-lo ao longo da minha exposição. Vamos partir da idéia de que o Jornalismo é uma forma social de conhecimento, lembrando que isso é genérico, que a arte e a ciência também o são. Vamos tentar diferenciar o Jornalismo. Ou seja, buscar agora a especificidade do Jornalismo, como forma social de conhecimento.

Mas, para isso, eu preciso discutir alguma coisa de filosofia, se não, não vai ser possível, nós chegarmos até um conceito mais concreto. Porque, vejamos bem, nós temos que subir aos ramos mais abstratos do saber, que é a filosofia, para podermos chegar então ao concreto, ao contrário do que pensa o senso comum, de que as teorizações, as reflexões abstratas são um caminho sem retorno para a vida. Elas podem ser um caminho sem retorno, eu posso fazer uma filosofia, uma teorização que acaba se perdendo numa lógica abstrata, e aí tenho a generalidade abstrata que eu falei naquele momento. Mas, de qualquer maneira, para chegar ao concreto, eu preciso chegar a esses níveis e depois retornar para o conhecimento concreto. Quer dizer, fazer o trabalho de retorno dessas categorias para o concreto. Categorias são conceitos amplos, qualquer teoria ou de qualquer ciência.

Há três categorias, ou há três conceitos que nós vamos usar para buscar esse conceito de jornalismo, para buscar essa definição de Jornalismo. São categorias de larga tradição na filosofia clássica, especialmente na filosofia clássica alemã, especialmente em Hegel,

que são as categorias do singular, do particular e do universal. Isso é essencial, essas três categorias.

1) Primeiro, elas são dimensões reais e objetivas do mundo. Eu vou tentar provar para vocês que as categorias do singular, do particular e do universal, não são uma abstração da cabeça do Hegel, ou da filosofia clássica alemã. São conceitos que representam formas objetivas de existência de todas as coisas no mundo. Vamos pegar o exemplo do João. Eu diria assim, primeira pergunta: o João é um sujeito singular? O singular é aquilo que não se repete, aquilo que é idêntico só a si mesmo. Eu diria assim: o João é um sujeito singular. Porque? Porque o João tem características que são especificamente dele. Características físicas, de temperamento, de caráter, etc. Então eu penso que está comprovado que o João é, objetivamente um sujeito singular. Mas eu quero provar que o João é também um sujeito particular e universal.

O Jornalismo é uma força social de conhecimento

O João pertence a um grupo de pessoas que usa óculos ao qual eu também pertencço. Então o João já tem uma característica que objetivamente, pertence a um grupo de pessoas. Ou eu poderia dizer, de outra forma, o João é estudante de comunicação, portanto, ele objetivamente pertence a um grupo particular, ou seja, ele tem características iguais a um determinado grupo. Não a todos, mas também, não exclusivamente a si mesmo. Ele tem características que correspondem a um determinado grupo. O João faz parte de uma família, de relações de parentesco. O João faz parte da particularidade dos estudantes de comunicação. E, se eu quiser, dos estudantes do Brasil, dos brasileiros. Eu estou falando sempre num grupo limitado. Então, todas as coisas possuem traços de identidade com um grupo limitado. Portanto, todas as coisas, indivíduos, pessoas, pertencem à categoria da particularidade, também. Então nós já comprovamos que o João é singular mas, estranhamente, ele também é particular.

Agora eu vou tentar mostrar para vocês que o João, objetivamente, é também um universal. Eu perguntaria, é errado eu afirmar que o João é um ser humano? Absolutamente, é uma característica essencial do João o fato de ser humano, o fato dele pertencer a esta categoria universal dos seres humanos.

Então todas as coisas no mundo, no universo, existem pelo menos em três dimensões: o singular, o particular e o universal. Isso é um pressuposto essencial para a gente discutir mais adiante o Jornalismo.

Mas é preciso aprofundar mais um pouco essa relação. Vejamos bem, estas categorias, estas características do João existem sempre numa determinada relação entre si. Ou seja, o particular é sempre particular em relação a um singular e em relação a um universal. Ele não é um particular por si mesmo. Por que? Vou tentar demonstrar que essa relação é sempre relativa. Se trata de uma relação dialética. Por que isso? Porque eu posso partir do raciocínio seguinte: que a singularidade do João é o fato dele ser um estudante de comunicação, que a particularidade dele é o fato dele ser um brasileiro e que a universalidade dele é o fato dele ser um ser humano. Então eu estabeleci uma nova relação entre o singular, o particular e o univer-

Adelmo Genro Filho foi professor do Curso de Jornalismo da UFSC durante os últimos cinco anos de sua vida. Antes disso, foi militante político, se elegeu vereador e foi um dos últimos perseguidos pela Lei de Segurança Nacional, com que a ditadura militar brasileira combatia seus opositores. E Intellectual comprometido com a revolução e o ideal de um sociedade comunista, Adelmo escreveu diversos livros e muitos artigos sobre a necessidade de transformação do próprio marxismo. Sua capacidade de produção intelectual era tão intensa que chegava a ser constrangedora: em cinco anos, produziu mais que os seus 22 colegas de Departamento juntos.

No Curso de Jornalismo da UFSC, Adelmo aprofundou sua reflexão teórica sobre a profissão e produziu O Segredo da Pirâmide (Para uma Teoria Marxista do Jornalismo), sua dissertação para o ensino e a prática do jornalismo.

“Não há nada no Universo mais ousado do que o homem” ele gostava de dizer. Adelmo morreu aos 36 anos, em fevereiro de 1988.



sal. Eu posso dizer que a singularidade do João é o fato dele ser um brasileiro, a particularidade é o fato dele ser um latino-americano, e a universalidade é o fato dele ser um ser humano, de novo.

Quer dizer, eu posso estabelecer relações variadas, mas sempre o meu particular tem a ver com o universal e o singular, e o meu singular tem a ver com o universal e o particular. É sempre uma relação amarrada. Não existe um singular fixo, até porque eu posso considerar que o João é o universal, os órgãos que o compõem são o particular e as células são singulares. Posso considerar dessa forma. O importante é saber que existe uma relação mútua.

E mais. Sempre, em cada uma das dimensões então presentes as demais. Essa é a terceira característica dessas categorias que também é fundamental para nossa discussão posterior do conceito de Jornalismo.

Isso significa o seguinte. No conceito de universalidade, ou seja, por exemplo, no conceito de ser humano estamos de alguma forma presentes todos nós, que somos seres humanos individuais e singulares. Quer dizer, se eu digo ser humano, de alguma forma eu estou incluído, vocês estão incluídos. Então, de alguma forma, no universal estão contidos os casos singulares e particulares. Agora, se eu digo João, de alguma forma nesse singular está contido o gênero humano. João faz parte, portanto, dentro dele, está contido o gênero humano.

Em cada uma dessas dimensões as demais estão presentes, mas estão presentes de forma subjacente,

de forma superada, ou seja, estão presentes como se fossem dormidas, como se fossem dissolvidas. Elas não só se relacionam entre si, dialeticamente, permanentemente, e formam um sistema, como em cada uma delas as demais estão presentes. Não existe singularidade pura, que não esteja presente dentro dela a particularidade e a universalidade. E não existe universalidade pura, sem que dentro da universalidade estejam dissolvidos todos os casos. Se eu cheguei à conclusão que matéria atrai matéria na razão direta das massas e etc., etc. é porque isso corresponde a todos os casos de experiências humanas que mostraram que os objetos caem. Então os casos singulares estão ali.

Agora nós podemos dar um passo adiante no conceito de Jornalismo. Eu diria então o seguinte, já num nível de abstração, e de concretização mais elevada: o jornalismo é uma forma social de conhecimento, mas não de um conhecimento qualquer, é um conhecimento cristalizado no singular. Vejamos bem, o conhecimento pode se cristalizar, ou pode se apresentar, sob a forma do universal. Se alguém me diz uma lei da química ou da física, trata-se de um conhecimento real sobre o mundo e que, não obstante, está formulado universalmente. Então eu me aproprio, eu conheço o mundo através de uma formulação de um conhecimento que se cristaliza no universal. A ciência é, por excelência, a forma de conhecimento baseada no universal. O que é que interessa à ciência? Interessa à ciência se o Pedro, o Paulo ou o João, no caso a Sociologia, tomam determinadas atitudes? Não inte-

ressa isso à ciência, interessa à medida em que os grupos sociais, ou que tipos de pessoas, ou que classes sociais tomam determinadas atitudes. Então, a generalização é a base da ciência, a universalização é a base da ciência.

O que eu estou tentando defender é que o Jornalismo é uma forma de conhecer o mundo que não tem base na universalidade mas, ao contrário, é uma forma de conhecimento que se cristaliza no oposto da universalidade, que é uma singularidade.

É uma forma de conhecimento que surge, historicamente, com base no desenvolvimento das relações capitalistas, e com base na indústria. Eu diria que o desenvolvimento das relações capitalistas, o fato de que, com o capitalismo, a sociedade se tornou um único siste-

Todas as coisas no mundo existem em três dimensões

ma universal, o sistema cambiante, o sistema dinâmico, o capitalismo é o primeiro sistema na história humana que tornou a humanidade um gênero, efetivamente interligado, a nível internacional, a nível mundial, o gênero humano é todo interdependente, ele forma um sistema só. E aliás o imperialismo foi a chave do desdobramento dessa universalização do mundo que, não obstante, está posta e tem o seu caráter de progresso, também. O próprio colonialismo tem, de um lado, digamos assim, o seu caráter de progresso. Evidentemente que eu não estou defendendo o colonialismo, ao contrário. Mas essa universalização que a humanidade produziu com base inclusive na violência, na expropriação, na exploração, ela mantém uma base hoje que é universal, que é, portanto, esse sistema único que a humanidade forma hoje.

Então, é esse sistema único que gerou a necessidade do Jornalismo. Porque? Porque antes da existência desse sistema, nós tínhamos um conhecimento genérico e universal sobre o mundo, mas tínhamos um conhecimento baseado no singular sobre a realidade imediata. Por exemplo, a realidade da nossa casa, a realidade dos nossos vizinhos, ou a realidade de um sujeito na idade média, que morasse num povoado ou numa vila, ele tinha um conhecimento, como nós temos hoje na nossa casa, e nos nossos vizinhos, nas nossas relações diretas, um conhecimento do mundo, pela sua feição singular, ou seja, eu vejo o mundo acontecendo e mudando na sua imediatividade, na sua manifestação específica, na sua manifestação, digamos assim, superficial, na sua manifestação fenomênica,, eu percebo o mundo mudando à minha volta.

Agora eu não tenho uma relação baseada na singularidade com o mundo ao qual eu hoje estou ligado, que é o mundo entendido de forma internacional, de forma universal, eu não tenho meios pessoais para me relacionar diretamente com este mundo. E é precisamente em cima desta necessidade que surge o Jornalismo, como uma forma de conhecimento que vai cumprir um papel semelhante ao papel que cumpre a percepção individual da singularidade dos fenômenos, só que agora é como se nós nos relacionássemos com a imediatividade do mundo, mas o nosso mundo não é mais a aldeia, o nosso mundo é uma aldeia global,

Em cada uma das dimensões estão também as demais

o nosso mundo é a totalidade do universo. Então vejamos que essa pré-condição histórica é essencial ao jornalismo. Era preciso que o mundo se tornasse único, interligado e dinâmico, para que surgisse a necessidade de que as pessoas se relacionassem com este mundo, de alguma forma semelhante à maneira como elas se relacionam pessoalmente com seus acontecimentos do dia-a-dia.

Era necessário que surgisse o jornalismo. E essa necessidade veio acompanhada, também de uma base material, e dizer que, em parte, em parte, ela gerou essa base material. E essa base material é a indústria. Se não houvesse o desenvolvimento da indústria, que é a base da própria universalização da humanidade, do desenvolvimento capitalista, não haveria a possibilidade do jornalismo, que inicialmente surgiu como jornal, na metade do século passado. Os jornais com caracte-

terísticas mais ou menos modernas, começam a surgir na metade do século passado. Mas hoje o jornalismo não é mais apenas aquilo que é comunicado através dos jornais. No meu entendimento, e agora nós vamos aprofundando o conceito de jornalismo, o jornalismo é uma forma de conhecimento baseado no singular, com base na indústria.

A força do jornalismo é precisamente a singularidade. Os professores, que têm uma atividade empírica, no jornalismo mesmo que não teorizam sobre o problema, ensinam na Escola: olha, ao invés de dizer que o sujeito era muito alto, diga que ele tinha um metro e noventa, eu estou me lembrando de um exemplo que o Nilson Lage dá. Ao invés de dizer que o Sarney estava nervoso, quando anunciou o último Cruzado, diga no seu texto que suas mãos tremiam, digam que ele tinha o senho carregado. Mas não escrevam: o Sarney estava nervoso. Claro, eu não estou dizendo uma fórmula aqui, que jamais se deva escrever isso, mas só fazendo uma comparação relativa -- que dizer, a singularidade, aquilo que é menos generalizante, digamos assim, é o que tem mais força no Jornalismo.

São as características, os detalhes, porque eu preciso montar um quadro que tenha uma certa semelhança com a minha percepção imediata, das coisas que eu vejo ao meu redor, então é daí que decorre a grandeza e a força do jornalismo, o fato de ele reproduzir coisas distantes, pelo ângulo do fenômeno, ou seja, pelo ângulo da sua singularidade.

Vocês se recordam quando os professores ensinam a fazer o “lead”, eles dizem o seguinte: você deve fazer o “lead” a partir daquilo que é mais exótico, estranho ou diferente. Então é um exemplo que sempre ... sempre é dado, né, desde o meu tempo. Se o sujeito matou o outro, roubou a carteira na frente da delegacia, comecem por aí: em frente a delegacia, ontem fulano de tal roubou a carteira. Se um velho, por exemplo de noventa anos, mata alguém, o bom jornalista, prático começaria assim, com noventa anos de idade, puxando a faca e tal ... Quer dizer, o aspecto vivo, o aspecto central do conhecimento que o jornalismo deve formular, é a singularidade.

Jornalismo é um conhecimento que parte do singular

Agora, é evidente que essa forma de conhecimento, recebe uma inflexão ideológica segundo a visão dos intermediários, dos veículos ou dos indivíduos que o reproduzem. Então com isso eu não estou negando que o jornalismo também trafica, ao reconstruir o mundo, uma concepção sobre o mundo. Isso é evidente, porque todo o conhecimento social, e o jornalismo é um conhecimento social, envolve um determinado ponto de vista sobre a história, sobre a sociedade e sobre a humanidade. E como a humanidade, a história é um processo que está em construção, naturalmente, não existe um jornalismo puramente objetivo, ou seja, um jornalismo que seja absolutamente neutro. Mas não por motivos de ordem psicológica, como dizem os manuais, como diz “O que é o jornalismo” do Clóvis Rossi. Não é por motivos psicológicos, porque o indivíduo está de alguma forma envolvido, não é por causa disso, é porque toda forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto. Essa é a razão mais profunda, porque o próprio jornalismo implica numa visão ideológica, implica num posicionamento ético e político sobre a realidade.

Mas com isso nós conseguimos evitar aquele impasse tão tradicional quando se quer fazer uma teoria crítica do jornalismo: ao criticar a dominação burguesa sobre o jornalismo - o que deve ser feito, evidentemente - a gente acaba caindo no extremo, e dizer o seguinte: ao jornalismo objetivo, falsamente objetivo que a burguesia faz, nós devemos opor um jornalismo opinativo, então, o oposto do jornalismo objetivo, entre aspas, que a burguesia faz, seria o jornalismo opinativo, aquele jornalismo que você pega e abre assim: “com a crueldade que lhe caracteriza, representantes da burguesia, ontem reprimiram os trabalhadores”, etc. ..., quer dizer, cheio de adjetivos, cheios de colocações universais, cheio de pressupostos éticos, expostos claramente e onde a singularidade do fato que eu estou retratando, que eu estou querendo aprender, se perde.

O problema é o seguinte: quando eu vou ler uma notícia, isso não interessa. Eu não quero dizer que não há necessidade de um jornalismo semanal, mensal, de análise, de discussão, de propaganda política, de denúncia. Claro que há. Há necessidade disso, e

a burguesia tem, também, vários níveis em que ela aborda a questão.

Mas eu estou querendo dizer que é preciso abordar também o jornalismo diário, chamado jornalismo objetivo, com a mesma competência, com a mesma eficácia técnica que a burguesia aborda nos seus jornais. É claro que para isso é preciso ter um jornal na mão, é preciso ter meios para isso, mas não é impossível. O jornalista diário, aparentemente objetivo, como a burguesia faz, só que com outro ponto de vista, com um ponto de vista oposto ao ponto de vista burguês. Um ponto de vista crítico, sobre o regime, sobre o modo de produção, sobre o poder das classes dominantes.

E eu diria o seguinte, não só é possível, como é extremamente necessário fazer isso. Se nós acharmos que nós vamos combater ao poder dominante no país, combater todo o conhecimento que a burguesia produz nos seus noticiários, nos seus grandes jornais, através de pequenos jornais opinativos, onde nós, digamos assim ... rotulamos com adjetivos e explicitamos nosso ponto de vista, eu acho que nós vamos cair numa tremenda ilusão. Eu acho que é indispensável, também, nós pensarmos numa forma de jornalismo que corresponda ao respeito ao leitor, à inteligência do leitor, e ao respeito à curiosidade que o próprio leitor tem de saber os fatos, o que a burguesia sabe fazer, e nós podemos fazer com outro enfoque, com outro ponto de vista de classe.

Vejam bem, vocês se recordam que eu falei nas categorias do singular, do particular e do universal, havia uma inter-relação entre elas, uma inter-relação dialética, e sempre, em cada uma delas, estavam contidas as demais. Portanto, eu posso retratar um acontecimento, pela via da singularidade, e subjacente a este eu vou colocar uma determinada visão particular e universal do mundo, mas vai estar subjacente, vai estar superado, ou seja, vai estar grudado na singularidade do fenômeno.

Eu vou dar um exemplo, sobre um assunto que é, de certa forma fácil de fazer porque a maioria dos jornalistas apóia a Reforma Agrária. É uma notícia que saiu sobre a Reforma Agrária. Então é uma notícia

A força do jornalismo é precisamente a singularidade

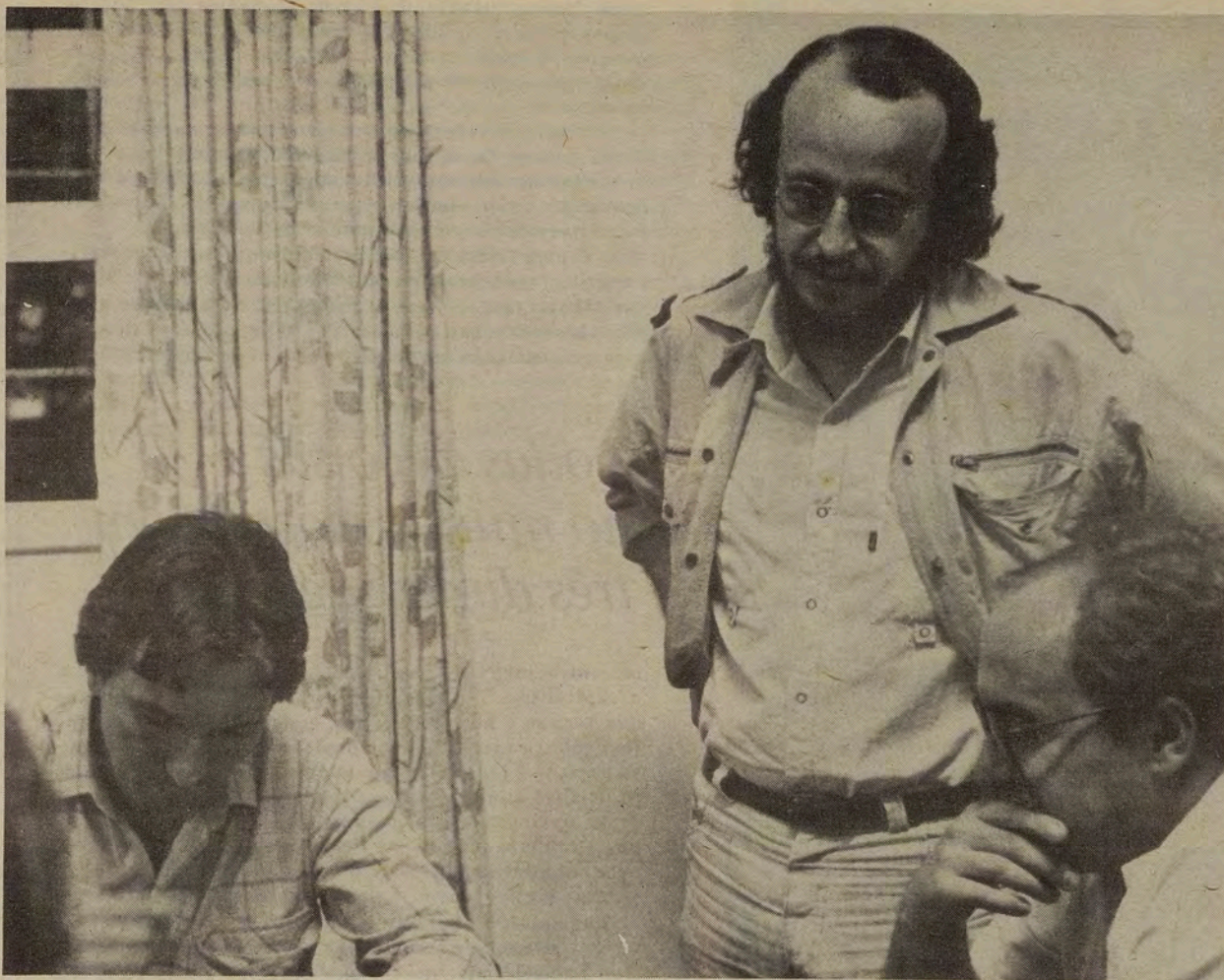
que sem dar opinião alguma, respeitando as regras do jornalismo como conhecimento produzido através do singular, conseguiu dar um enfoque claramente favorável à Reforma Agrária, claramente contrário aos latifundiários, e sem emitir qualquer opinião explícita, e sem usar qualquer adjetivo qualificativo em relação aos latifundiários, se estão com razão ou sem razão.

É sobre um conflito que houve no Congresso, entre os agricultores pedindo a Reforma Agrária e os latifundiários da UDR, que tentaram fazer um cordão de isolamento e não deixar os agricultores tomar as galerias:

"Pela manhã a UDR absoluta nos corredores do Congresso. O Presidente da entidade no Rio Grande do Sul, Gilberto Scoppel, dava entrevistas à imprensa cercado de cento e cinquenta militantes gaúchos da organização, todos vestidos a caráter, bombachas, botas e lenço no pescoço". Vejam a caracterização que já vai fazendo, caracterização do latifúndio. "Vindos num vôo charter especialmente fretado ... "O fato é objetivo, agora se pode botar isso ou não botar. É um fato absolutamente objetivo ... "Vindos num vôo charter, especialmente fretado pela organização, os integrantes gaúchos da UDR, confraternizavam com seus colegas de Minas e Espírito Santo, a maioria" ... Vejam bem ... "a maioria jovens, filhos de fazendeiros usando jeans de griffes famosas, camisas pólo, muitos dos óculos escuros, apesar da ausência de sol no interior do Congresso".

Quer dizer, está caracterizado, ideologicamente, quem são os caras que estão lutando por interesses absolutamente privados. E não tem nenhuma apologia aqui da Reforma Agrária. Quer dizer, ele respeitou a sensibilidade, a inteligência e a curiosidade leitor. Se eu me interessar pela opinião, eu vou ler um ensaio, vou ler um artigo, agora na medida em que eu quero tomar um primeiro contato com os fatos preciso que essa minha vontade seja respeitada. Agora não existe uma só singularidade, esse que é o problema. Existem várias singularidades, a depender da universalidade que eu construo, no corpo dessa singularidade.

Aqui, por exemplo, existe uma visão particular, sobre a UDR, que conceitua ela, que não está explícito.



Adelmo: nesta eleição ele integra a direção do curso

A UDR é um movimento ultra-reacionário, de latifundiários, e com objetivos absolutamente privados. Isso aqui está escrito mas não está escrito. Há uma concepção universal aqui, favorável à Reforma Agrária. E, não obstante, não tem nenhuma frase, nenhum slogan, nenhuma palavra de ordem pela Reforma Agrária.

No meu entendimento, nesse nível que eu estou falando, do jornalismo diário, essa notícia é mais eficiente do que uma notícia que começasse com adjetivos ... A expectativa que o leitor tem, que é duma compreensão dos fenômenos tal qual eles ocorrem. Quer dizer, isso não exclui o jornalismo de combate, o jornalismo de discussão teórica e ideológica, o jornalismo de denúncia, não exclui as outras formas.

Mas o que eu quero dizer é que é preciso dar combate a esse jornalismo, com a eficiência que esse tipo de jornalismo usa, para passar sua visão de classe. O que eu tento defender é que teoricamente isso é impossível, se nós compreendemos corretamente o que é jornalismo. Ou seja, o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizado no singular e essa cristalização no singular tem leis próprias da sua manifes-

O jornalismo opinativo não se opõe à falsa objetividade

tação. É possível, entendendo teoricamente o que é o jornalismo, você trabalhar numa redação, duma Zero Hora, dum Jornal do Brasil, ou de qualquer outro jornal burguês, e você, em muitas ocasiões, em significativas ocasiões, você passar notícias como esta, que contrariam os interesses dominantes, que tem um outro enfoque de classe.

É perfeitamente possível isso. É claro que, quanto mais competentes nós formos ao redigir essas notícias, mais facilidade elas terão de passar pelo editor, pelo chefe de reportagem e assim por diante. Quanto mais adjetivos, mais motivos formais ele tem para dizer: não, essa sua matéria não é objetiva.

Eu por exemplo imagino, aqui o editor, não sei quem é, mas se fosse um editor conservador, ele tentou obstar essa notícia mas não teve argumentos. Porque são fatos singulares, objetivos que aconteceram, que estão dentro da norma e da lógica do jornalismo. Então eu acho que é perfeitamente possível, e necessário, criar uma concepção baseado nessas premissas. E eu acredito que essas premissas que eu estou colocando fornecem os elementos básicos para que se venha a desenvolver uma teoria do jornalismo, onde a redefinir

No meu entendimento a pirâmide está efetivamente invertida

coisas como, por exemplo, a pirâmide invertida ou lead.

A pirâmide invertida é a representante gráfica de que o mais importante da notícia vem primeiro e, numa ordem decrescente de importância, vem o resto dos complementos da notícia. Isso pode até corresponder a uma média dos casos. Em geral, o mais importante, pode-se até admitir, vem no início. Agora isso não nos diz nada sobre a natureza do jornalismo como forma de conhecimento. Então no meu entendimento a pirâmide está invertida. Porque que ela está invertida? Porque se nós pensarmos a pirâmide em pé, nós podemos ter um raciocínio referente à essência do jornalismo. Qual seja, a notícia jornalística caminha, na sua formulação, do singular para o particular. Então se eu tenho um ângulo fechado em cima, quer dizer, esse ponto é precisamente o ponto lead, é o ponto da máxima singularidade. Quer dizer, quando eu vou formular, normalmente o início da notícia, eu formulo aqueles aspectos que são próprios do fenômeno, diferentes de todos os outros, eu procuro as diferenças. À medida que eu vou desenvolvendo a notícia, eu vou caminhando para uma localização desse fato num determinado terreno particular. Eu vou situar dentro de determinada conjuntura, as condições em que o fato aconteceu e vou chegar a uma base, a uma base particular dessa formulação.

E o universal onde vai estar? O universal não vai estar contido ali. O universal são meus princípios, os pressupostos mais gerais. O universal vai ser, na verdade, uma continuidade pontilhada, dessa pirâmide, porque ele vai ser subjacente. Ele vai estar subjacente à apreensão que foi feita.

Mas a rigor a pirâmide como representação epistemológica, como representação do conhecimento que o jornalismo encerra, ela está efetivamente invertida. O conhecimento jornalístico, a notícia, caminha não do mais importante para o menos importante, porque há casos em que isso não ocorre. Mas ela é uma forma de conhecimento que caminha do singular para o particular. Porque a singularidade é a essência da notícia. Então o lead, normalmente, vai estar no começo, mas inclusive isso não é obrigatório. Mas mesmo que o lead não esteja no começo, a construção da notícia como um todo, é da singularidade, ou seja, do específico para uma certa generalização capaz de situar o fato no tempo e na história.



CONCURSO

O Departamento de Comunicação da UFSC está promovendo

Concurso Público para professores auxiliares nas áreas de Radiojornalismo e Planejamento e Produção Gráfica. Para se inscrever, o candidato, precisa ter curso superior, registro profissional de jornalista e pelo menos três anos de experiência profissional na área em que se candidatar — radiojornalismo ou diagramação

O Concurso Público é realizado através de provas e títulos (currículo vitae documentado dos candidatos). As provas são escrita, didática (uma aula de 50 minutos) e prática. Além do primeiro colocado em cada área, que será imediatamente contratado, outros candidatos poderão ser aprovados, com uma média mínima de sete pontos nas provas,

Cultura é com o CIC

No dia seis de setembro às 20:00h, no teatro do Centro Integrado de Cultura, terá início o XIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação. Além de ser o local da abertura do Congresso, o CIC também se apresenta como uma das poucas opções culturais para os participantes do Congresso durante sua estadia em Florianópolis.

Enquanto se realiza o Intercom-89, várias opções estarão rolando no CIC: No cinema, o filme "Até Certo Ponto", do cubano Tomás Gutierrez Alea; no MASC, dentro de 109 Salão Catarinense de Novos Artistas, a Mostra de gravuras argentinas, uruguaias e mexicanas; no

Espaço Oficina a exposição de objetos de Carlos Asp e no teatro acontecerá o musical "Magnelli e banda", dia 08, às 21 horas. Para quem trouxer os filhos ou irmãos menores, nos dias 09 e 10, será apresentada a peça infantil "Roc, um rato muito esperto".

Fora do CIC, em termos de exposições, existem as opções da Casa da Alfândega (Centro), onde haverá mostra e venda de artesanato catarinense em cerâmica, e do Museu Histórico de Santa Catarina (no Palácio Cruz e Souza), onde se realizará a exposição "História e Técnicas de Tapetes".

e ficam aguardando uma oportunidade de contratação pelo prazo de dois anos.

Os contratados deverão trabalhar em regime de 40 horas, com dedicação exclusiva à UFSC, e o salário inicial fica por volta de US\$ 760 (no câmbio oficial) para graduados, e US\$ 1060 (no câmbio oficial) para os que já contam com título de mestrado.

Maiores informações pelos telefones (0482) 33-9215/33-9490.



Se você resolver mandar uma cartinha apaixonada para a sua mulher, ou namorada, ou algo similar, pode se dirigir a agência de correio da Pça. XV de Novembro, no centro, ou ao posto do campus um universitário, no centro de Convivência.

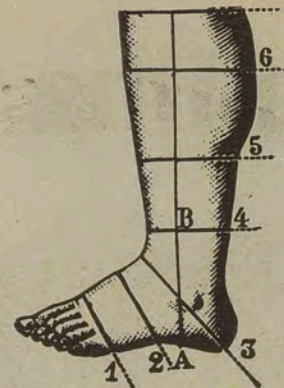
TELEFONES

Caso você pretenda telefonar para casa depois das 23 horas, não esqueça de levar no bolso fichas DDD, porque a central de serviço telefônico da Telesc fecha exatamente nesse horário. Além da agência central da Telecomunicações de Santa Catarina (Pça. Pereira Oliveira, 20, Centro), você pode encontrar aparelhos públicos no Terminal Rodoviário Rita Maria, no Centro Integrado de Cultura e na Pça. Pereira Oliveira. Mas não esqueça das fichas.

Se você mora em outro país e pretende levar um papinho com a família, pode obter informações sobre DDI e tarifas internacionais pelo telefone 000 333, ou, se você não precisa de esclarecimentos, realize sua chamada internacional pelo fone 000 111.

URGENTES

No caso de uma emergência mais apavorante, ligue para um destes telefones: Pronto Socorro (192 ou 220050), Corpo de Bombeiros (193), Polícia (190), Informações toxicológicas (1520).



HOSPITAIS

Hospital de Caridade (Centro): rua Menino Deus, s/n. Fone 22.9222

Hospital Celso Ramos (Centro): rua Benwarda, s/n. Fone 22.0566

Hospital Infantil Joanna de Gusmão (Agrônômica): rua Rui Barbosa, s/n. Fone: 229000

Hospital Nereu Ramos (Centro): rua Major Costa, 89. Fone: 22-2885

Hospital Universitário (Trindade): Campus da UFSC, s/n. Fone: 33-3111

Aerolíneas Argentinas, Transbrasil e Vasp. Para viagens internacionais de ônibus, a Rosatur oferece TTL Transporte e Turismo, Gral. Urquiza, Alíscas, Pluma, Catarinense, Onda do Brasil (com linhas para a Argentina, Paraguai e Chile). Para viagens interestaduais há Penha, Real Expresso, Viação Garcia, Itapemirim, União, Eucatur, Santoanjo, Auto Viação São Cristovão, Catarinense e Planalto.

As demais agências são Brusatur (Av. Osmar Cunha, 15, Ceisa Center, loja 11, Centro, Fone 223899), Campechetur (Rua Trajano, 18, sobreloja, Centro, fone 23-4945), Ilhatutur (Rua Felipe Schmidt, 27, sobreloja 9, Centro, Fone 22-6333), Turisan (Rua Dom Jaime Câmara, 18, Centro, Fone 23-1411).



BANCOS

As agências eletrônicas e no campus

Operam dentro do campus universitário e nas proximidades os seguintes bancos: Banco do Brasil (Rua Delfino Conti sn, próximo ao HU, fone 330160); Besc (Centro de Convivência, fone 331511); Caixa Econômica Federal (Rua Delfino Conti, ao lado farmácia universitária, fone 332800; e Bradesco (Rua Lauro Linhares, 341, fone 334488).

Bancos Eletrônicos: Na cidade estão abertos os seguintes caixas eletrônicos: Banco 24 Horas (Rua Felipe Schmidt, ao lado das Lojas Americanas, Centro); Caixa Eletrônica Itaú (esquina da Av. Rio Branco com a Av. Gama D'Eça, centro); e Caixa Eletrônica Bradesco (Avenida Paulo Fontes, ao lado Hotel Diplomata, centro).



Reportagens de Ana Luiza Miliotti Coelho, Carla Doriane Lavina, Maria Fernanda Mendes Gallotti e Roberta Meyer Miranda.

COMBUSTÍVEL

A falta de combustível não será problema para quem ficar na rua de noite, ou de madrugada. Os postos em plantão durante 24 horas são: o Jóia Posto (Centro), avenida Mauro Ramos 19, fone 22-15-66, Posto Esso (Centro), ao lado do hotel Diplomata e Posto Jóia (Estreito), rua Gaspar Dutra 150.

RESERVAS

Há poucas agências de turismo que vendem passagens de ônibus interestaduais, internacionais e aéreas. Na UFSC, tem a Plazatur, no hall da Reitoria (fones 33.1000 e 33.9327), que opera com as empresas aéreas Aerolíneas Argentinas, Transbrasil, Vasp e Varig (que parcela em 10 vezes com 25% de acréscimo e aceita cheque pré-datado para 10 a 15 dias). As empresas de ônibus interestadual a que atende são a Itapemirim, São Cristovão, União e Catarinense.

A melhor opção no centro é a Rosa dos Ventos Turismo (Rosatur — Box 10 do Terminal Rita Maria, fones 23-7255 e 23-0399), que agência também Varig/ Cruzeiro,

FARMÁCIAS

Só uma farmácia faz plantão

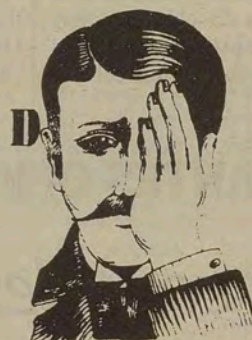
Farmácia Universitária (Trindade): Campus da UFSC, s/n. Aberta das 7h30min às 22h00min.

Farmaketty (Trindade): Praça Santos Dumont, 40. Aberta de Segunda a sábado, das 8 às 21 horas.

Farmácia Vitória (Centro): Praça XV de Novembro, 27. Única que fica aberta 24 horas.

Homeopática Biofarma (Centro): rua Esteves Jr., 102, fone: 22.0533.

Dermus — Farmácia Dermatológica Cosmética (Centro): na Felipe Schmidt, 39, fone: 22-1002.



Tem dois motéis. Só falta tesão

Passion (Vargem Pequena, caminho de Canasvieiras). Rodovia SC-401, km 15, fone: 66-0639. Preço: variável de acordo com o tipo de suíte. "Sensation" (ar condicionado, TV, vídeo, ducha quente e fria, som ambiente e jardim): NCz\$ 36,00 por período de três horas. "Emotion" (ar condicionado, TV, vídeo, ducha quente e fria, som ambiente e hidromassagem): NCz\$ 45,00 por período de três horas. "Frisson" (ar condicionado, TV, vídeo, ducha quente e fria, hidromassagem, som ambiente e vidro fumê): NCz\$ 54,00 por período de três horas. "Fascination" (ar condi-

cionado, TV, vídeo, ducha quente e fria, sauna, hidromassagem, bar privê, frigobar, som ambiente e vidro fumê): NCz\$ 72,00 por período de três horas. "Passion" (suíte com 300m², ar condicionado central, TV, vídeo, piscina térmica, sauna, ducha quente e fria, hidromassagem, bar privê, frigobar, jardim de inverno, teto solar, som ambiente): NCz\$ 126,00.

Meiembipe Motel (Saco Grande, caminho de Canasvieiras). Rodovia SC-401, km 5, fone: 35.1010. Preço: variável de acordo com o tipo de suíte. "Campeche" (ar condicionado, cama redonda, vídeo, espelhos):

NCz\$ 20,00 por período de duas horas. "Jurerê" (ar condicionado, cama redonda, vídeo, espelhos, hidromassagem, frigobar): NCz\$ 30,00 por período de duas horas. "Canasvieiras" (ar condicionado, cama redonda, vídeo, espelhos, sala de estar, colchão de água, sauna, hidromassagem e frigobar): NCz\$ 40,00 por período de duas horas. "Moçambique" (ar condicionado, cama redonda, vídeo, espelhos, hidromassagem, frigobar, sala de estar, colchão de água, sauna, piscina): NCz\$ 50,00 por período de duas horas. Para cada hora extra, adicionar NCz\$ 5,00.

SC abre espaços para propaganda

Economia diversificada é a fórmula produtiva de um Estado rentável

Os recursos naturais têm participação decisiva no perfil econômico de Santa Catarina que, embora ocupando apenas 1,13% do território nacional e detendo somente 3% da população do País, contribui decisivamente com sua economia diversificada para o Produto Interno Bruto Nacional. É o sétimo pólo industrial do Brasil, liderando a fabricação de ferro maleável, compressores, louças de mesa, toalhas, tubos e conexões plásticas.

É o maior fabricante de motores elétricos da América Latina e se inclui entre os maiores produtores de cerâmica e de frangos congelados do mundo. O Estado lidera a produção de carvão e fluorita, possui a maior reserva de sílex do País e é o segundo produtor em fosfatos naturais. Além da produção para abastecimento interno, Santa Catarina é o sétimo Estado que mais exporta (4% do volume global) com destaque para os produtos têxteis, motocompressores, azulejos e ladrilhos, calçados, papel kraft, fumo, farelo de soja e carnes de aves congeladas.

Apesar de ser um Estado pequeno, destaca-se como o quinto produtor nacional de alimentos, liderando a produção de alho, fumo, maçã, mel de abelha, enquanto

conserva a posição de segundo produtor de cebola e pescado. Sua produção de carnes de aves e suínos é a maior do Brasil.

O desenvolvimento de sua atividade econômica está espalhado em seis grandes pólos. No Litoral Norte está concentrada a indústria pesada, especialmente o eixo eletrometal-mecânico. No Vale do Itajaí os produtos de maior expressão são os de sua indústria de têxteis e do vestuário. Tem importância turística na bela cidade de Blumenau, de colonização alemã, revelada em sua cultura e arquitetura. Na área da Grande Florianópolis emanam as decisões político-administrativas e financeiras do Estado. Na ilha e no litoral continental se concentram seus principais atrativos turísticos. No Planalto, a madeira forma a base de sua sustentação industrial, com três segmentos distintos — papel e papelão, mobiliário e madeira em geral. No Oeste destacam-se a agropecuária através das culturas de milho e soja e os modernos frigoríficos, indispensáveis à sua ativa indústria de carnes congeladas de aves e suínos. No Litoral Sul localiza-se a indústria extrativa mineral, com destaque para o carvão. A região é reconhecida também por concentrar as maiores indústrias na área de cerâmica de pisos e azulejos.



O mercado de propaganda se desenvolveu, em Santa Catarina, apenas na década de 80. Antes,

a falta de entidades para fortalecê-lo, a inexistência de uma escola de Comunicação para formar profissionais na área, e a inexpressividade econômica da capital favoreceu a procura por serviços de agências do eixo Rio-São Paulo.

A situação começou a mudar a partir de 1975 com a implantação da seccional da Associação Brasileira das Agências de Propaganda (Abap), que surgiu com o objetivo de defender o mercado catarinense. Em 1983, o sindicato patronal foi criado. E há cinco meses, surgiu o embrião do Sindicato dos Profissionais e Empregados das Agências, atualmente em fase de estruturação com 100 filiações.

Fúlvio Vieira, presidente da Abap e um dos direto-

res da agência MPM em Santa Catarina, diz que o mercado é atípico, onde a capital não é a maior cidade do Estado, mesmo assim, é nela que se concentra o maior número de agências. Ele considera, ainda, o mercado catarinense promissor e equilibrado: "Se a indústria de azulejo não está numa boa fase, um outro setor está em alta, por exemplo". Contudo, ele afirma: "Na hora da crise, a primeira coisa que as empresas catarinenses fazem é cortar investimentos na propaganda".

Para os profissionais, o mercado é pequeno e paga mal. É o que revela o presidente do Sindicato dos Profissionais e Empregados das Agências de Propaganda, José Luiz Müller: "Uma grande agência no Estado, possui em torno de 40 funcionários; uma média, uns 15 funcionários e uma pequena, o dono mais outro profissional". E o salário médio, na área de criação, segundo ele, está em torno NCz\$ 600,00, trabalhando em dois turnos.

A maioria dos publicitários que trabalha nas agências, principalmente na

área de criação, vem de outros estados, grande parte gaúchos e paulistas. Esses profissionais, desiludidos com o mercado saturado de seus estados, são atraídos para cá pela imagem de um estado com a economia em expansão. E a ausência de uma escola de propaganda e marketing em Santa Catarina lhes garante espaço no mercado.

As grandes agências trabalham em sistema de cooperação profissional com outras maiores do Rio, São Paulo e Porto Alegre. Entre elas estão: MPM, Propague, Quadra, Exa, RL, SC, Scriba e Direcional (Blumenau) e NucleoSul (Joinville) que é uma "house" da empresa Hansen.

Hoje, as empresas contratam agências estaduais para criar uma campanha, entretanto, quando o trabalho é grande, a produção é feita em São Paulo ou Rio. Como exemplo, o anúncio da Tigre com o detetive Ted, foi criado pela Nucleo Sul em Joinville, e produzido em São Paulo.

Márcia Moraes

Descubra os caminhos do campus

No mapa, a

localização

dos eventos

Para sua orientação, relacionamos abaixo os diversos eventos do Intercom-89 conforme o prédio onde se realizarão os trabalhos. Depois confira com o mapa ao lado.

Prédio 1, Reitoria: Auditório. Ali vai funcionar a secretaria do XII Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação. Para lá devem convergir os assistentes dos seguintes eventos: XII Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, o Seminário Latino-Americano de Jornalistas (Felap-Fenaj), a Assembleia de reconstituição da Alaic (Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação) e a Assembleia Geral da Intercom.

Prédio 2, Centro de Convivência: Auditório situado no primeiro andar. Evento: Seminário de Publicidade e Propaganda na América Latina.

Prédio 3, Centro de Ciências Humanas (CCH): Auditó-

rio. Eventos: II Simpósio Brasileiro de Relações Públicas.

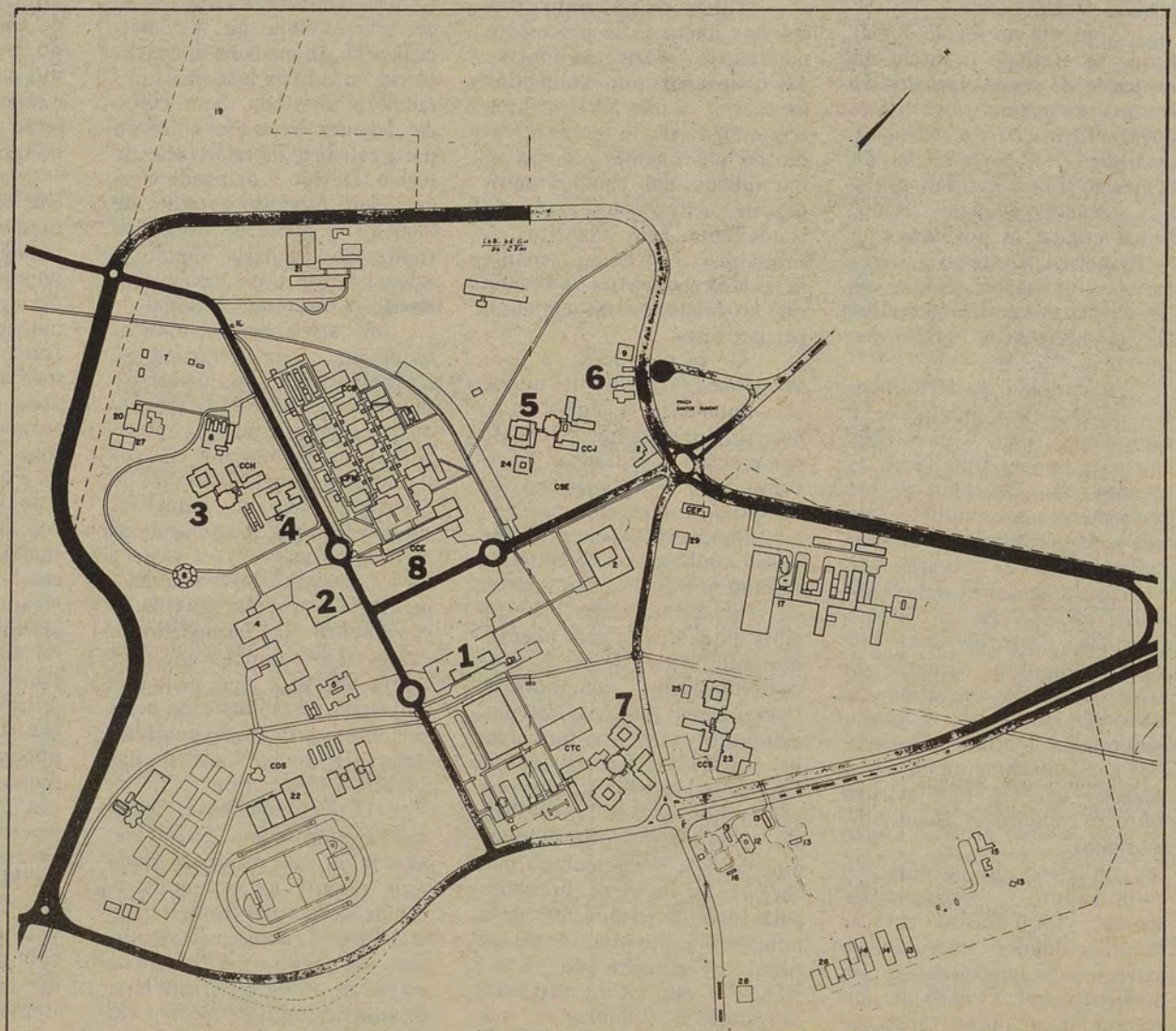
Prédio 4, Centro de Ciências da Educação (CED): Auditório. Ala à direita. Eventos: II Encontro Ibero-Americano de Pesquisadores da Comunicação.

Prédio 5, Centro Sócio-Econômico (CSE): Auditório. Eventos: Seminário de Comunicação para a Paz.

Prédio 6, Igreja: Auditório. Prédio à esquerda. Evento: III Encontro Brasileiro de Editoração Eletrônica.

Prédio 7, Centro Tecnológico (CTC): Auditório. Prédio localizado atrás da Reitoria. Evento: II Seminário de Comunicação Rural.

Prédio 8, Centro de Comunicação e Expressão (CCE): Sala de Redação A do Curso de Jornalismo. Apoio administrativo além do II Encontro Ibero-Americano de Editores de Revistas de Comunicação.



Estado é mosaico de culturas

Imigrantes da

Europa dão

sotaque típico

INDÚSTRIAS CULTURAIS



Santa Catarina possui uma área oficial de 95.483km², com mais 502km² de águas territoriais, totalizando

95.985km², correspondente a 1,12% da área brasileira e 16,61% da área da região Sul.

O Estado, em seus primórdios, tinha como habitante indígenas da grande nação tupi-guarani. Com a vinda dos portugueses iniciaram-se povoadamentos, gerando conflitos entre indígenas e colonos que tenderam a reduzir, rapidamente, o estoque de populações indígenas, em grande parte, pelo simples contacto com os brancos e contração de enfermidade para as quais não tinham resistência orgânica.

A influência indígena, entretanto, é manifesta em alguns aspectos, como na culinária, na linguagem. Marcante influência é sentida na toponímia: Designações de acidentes geográficos, de nomes de vilas, cidades, da flora e da fauna catarinense são muito extensas, e assinalam a presença dos povos pré-cabralianos.

Somente no século XVII, é que se efetivou o início da ocupação de grupos isolados da Europa. E, portanto, da consequente formação da sociedade catarinense. A área inicial da ocupação foi o Litoral, onde, nos meados daquele século, foram criadas as povoações de S. Francisco, Desterro e Laguna. Os ocupantes foram os "Vicentistas", do litoral paulista, já afeitos às atividades agrícolas.

A chegada, posteriormente, de famílias açorianas e madeirenses, para as povoações existentes e para a periferia das mesmas não alterou, se não ligeiramente, as condições da vida econômica dessas primeiras experiências de fixação de recursos humanos litoral catarinense. Além das atividades agrícolas, desenvolveu-se, por algum tempo, a atividade da pesca da baleria, em termos de atividade comercial. A pesca, para o suprimento de alimentos e de pequeno comércio de peixe salgado, também teve assento entre os vicentistas e entre os açorianos.

A etapa do povoamento colonizador, vicentista-açoriano, foi o período em que as dificuldades chegaram a extremos. Os anos iniciais foram desalentadores. Evasões de imigrantes para outras áreas se verificaram, apesar do forte



A afirmação de que Santa Catarina é um pedaço da Europa tem numerosas razões

"espírito Comunitário" que caracterizava sobretudo, o açoriano. As atividades agrícolas, não encontravam acesso a mercados; para agravar a difícil vida dos luso-brasileiros e dos açorianos, muitas povoações foram prejudicadas por pragas, e doenças eram comuns, e sempre graves, quando não se dispõe de recursos medicinais.

Antes do advento dos colonos ilhéus já se processava no Planalto Catarinense o início da ocupação, por volta dos meados do século XVII. A base econômica seria o gado, introduzido nas missões jesuítas se multiplicou nos campos meridionais e estimulou a expansão bandeirante pelo Planalto. A influência gaúcha é sentida nesta área campestre, no vestuário, no folclore e no conteúdo patriarcalista.

O século XIX, é por excelência, "o século das migrações humanas". A Velha Europa, principalmente, sacudida por extensa e profundas transformações — corolárias da Revolução Industrial — apresentava um quadro de instabilidade social, política e econômica. Tornou-se o celeiro abastecedor de recursos humanos para regiões ainda novas, com imensas disponibilidades de terras e de oportunidades econômicas. Camponeses artesãos, artistas, estudiosos religiosos, formaram as formidáveis correntes de emigração da Europa, em direção, sobretudo, ao Novo Mundo. Nas terras do Brasil Meridional, onde a cafeicultura não chegara, o interesse brasileiro pelo recrutamento de recursos humanos já existia, desde as primeiras décadas do século XIX. Por essa altura, surgiram as primeiras Colônias de imigrantes Alemães, no Rio Grande

do Sul, e em Santa Catarina, recebendo esta o nome, homenagem ainda ao 100 já existiam 25 municípios. Daí em diante, o crescimento seria acelerado, não somente às vindas de grupos imigrantes, como em decorrência da natalidade interna.

Os imigrantes, principalmente italianos e descendentes, empreenderam atividades agrícolas, criatórias e de extração de recursos florestais. A comercialização de madeira se constituiu, ao lado da suíno-cultura e indústria derivada, bem como da lavoura cerealífera, como parte essencial da valorização da região. Devido à demanda crescente, no mercado externo, de madeira, a atividade de industrialização ganharia rápido e essencial papel no desenvolvimento da economia, regional.

As atividades econômicas tenderam, a um esquema de multiplicação de pequenos estabelecimentos industriais, como as serrarias e madeireiras, os frigoríficos, os moinhos cerealiíferos, além de beneficiadores de erva-mate. Seriam, indústrias suportadas pela oferta local das matérias-primas.

Mantendo-se, marcadamente, a atividade agrícola, o suprimento de utensílios e equipamentos também encerrou campo aberto, e logo, pequenas indústrias mecânicas e de equipamentos agrícolas apareceram, enriquecendo o quadro das atividades econômicas.

O Extremo-Oeste, igualmente num rumo Sul-Norte, assistiu a um processo ainda mais recente de ocupação. A condição de terra fronteiriça já preparara o caminho da ocupação, segundo o esquema de empresas agro-extrativistas. Guarnições militares, como em Xanxerê, abriram o caminho da

ocupação que se processava de forma espontânea, não organizada, sob o estímulo da erva-mate.

O extrativismo vegetal, com base nos produtos madeiros e da erva-mate, que aí aparece com maior abundância, e as atividades agrícolas, vão se repetir. As condições agrícolas da topografia mais suavizada, principalmente nos baixos vales do Chapecó, do Chapecozinho, do Irani, facilitaram muito o uso da terra para fins agrícolas, e hoje, o Extremo Oeste representa a área de maior dinâmica na agricultura.

A colonização estrangeira em Santa Catarina foi fator fundamental na evolução econômica e social. A afirmação popular de que Santa Catarina é um pedaço da Europa tem numerosas razões, apesar de ser fruto de enorme exagero, mesmo se fosse aplicada tempos atrás. A presença de costumes europeus, de tradições e de tipos humanos característicos do Velho Continente são traços e de tipos humanos característicos do Velho Continente são traços amplamente observáveis em Santa Catarina. Devido ao vigor de algumas colônias, a preservação do conteúdo cultural europeu surpreende o visitante que, comprando-as com outras áreas dominada pelo conteúdo luso-brasileiro, sente que penetrou num mundo diferente. Conclui-se que a afirmação é errônea, mas não seria incerto afirmar-se que Santa Catarina possui muitos pedaços da Europa, embora em si não o seja. O que há, nesse aspecto, é uma incrível diversidade étnica, com padrões culturais preservados por força da forte concentração de grupos em áreas que se mantiveram bastante isoladas

por muito tempo ou minimamente articuladas com a sociedade brasileira, afastadas portanto das influências da dinâmica aculturativa. Além disso, é preciso convir que os ingredientes técnicos desses grupos estrangeiros concentrados estavam acima daquilo que podemos chamar de "média brasileira". Entre os imigrantes egressos de um mundo que transitava entre o medievalismo e o industrialismo, e as condições técnicas do rurícola brasileiro, havia uma distância respeitável, e fator implícito de futuros conflitos culturais.

Ao lado dessa diferenciação de atividades que, no campo do artesanato, deu origem ao surgimento da indústria, deve encontrar-se outra razão que facilitou o processo no fato de que a colônia tinha organização administrativa capaz de facilitar, como facilitou, a preparação de novas gerações nela surgidas para a atividade da administração, já no campo da vida pública. Foi transformação, não raro lenta, mas sempre segura, a que então se verificou: antigos núcleos coloniais de base rural, passando a cidades, organizadas com adequada vida urbana.

As formas da ocupação do espaço catarinense dão à sociedade atual, a sua economia, característica bem particularizadas, entre as quais:

- a) Grande número de pequenas propriedades fundiárias.
- b) Diversificação da produção agrícola e criadora, nas pequenas e médias propriedades.
- c) Elevado número de população rural.
- d) Elevado número de aglomerados pré-urbanos que evoluíram de "colônias, cujas sedes, na maioria, geraram estruturas urbanas.
- e) Elevado número de indústrias, diretamente dependentes da produção local.
- f) Centros indústrias com forte vinculação com áreas rurais próximas e, eventualmente, com vinculações a mercados distantes.
- g) Relativa "properidade" do homem do campo, a par da constatação de áreas de decadência, com ligeiros sintomas de pauperismo.
- h) Padrão dietético, relativamente satisfatório e influenciado pela disseminação da policultura e policriação.
- i) Padrões dietético, relativamente satisfatório e influenciado pela disseminação da policultura e policriação.
- j) Padrões urbanos diferenciados entre áreas de formação luso-brasileira e outros de colonização européias.
- k) Predomínio de cidades e aglomerados pré-urbanos segundo o esquema de traçado linear, em função da forma de demarcação das antigas "colô-

Marina Pederneiras

Jornalistas tropeçam na mesmice

Congresso no Recife discute pautas frias

Os jornalistas brasileiros já têm um Conselho Nacional de Ética e Liberdade de Imprensa. Mas não é só isso. Foi dado o pontapé inicial pela unificação da data-base e da criação de um sindicato único dos trabalhadores em empresas de comunicação. E mais: estudante de comunicação deixa de ser mão-de-obra barata com o fim do estágio e o jornalista provisionado está com os dias contados.

Estas são as principais decisões do XXIII Congresso Nacional de Jornalistas, realizado na capital pernambucana, entre 17 e 20 de agosto. Em quatro dias de debates e votações, "as cabeças mais livres do Brasil" não tiveram a "cobertura" que Recife prometia em "outdoors". Só mereceram uma chamada de capa no jornal Folha de Pernambuco (uma espécie de Notícias Populares do Nordeste), porque vaiaram, por três vezes, na noite de abertura o prefeito da cidade, Joaquim Francisco (ex-pefelista que acaba de "collorir", definido pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas de Pernambuco, Fernando Veloso, como "amigo da imprensa"). Mas aplaudiram Roberto Freire, o presidenciável do PCB e João Amazonas, representante da Frente Brasil Popular e presidente nacional do PC do B, e até reservaram palmas para Miguel Arraes.

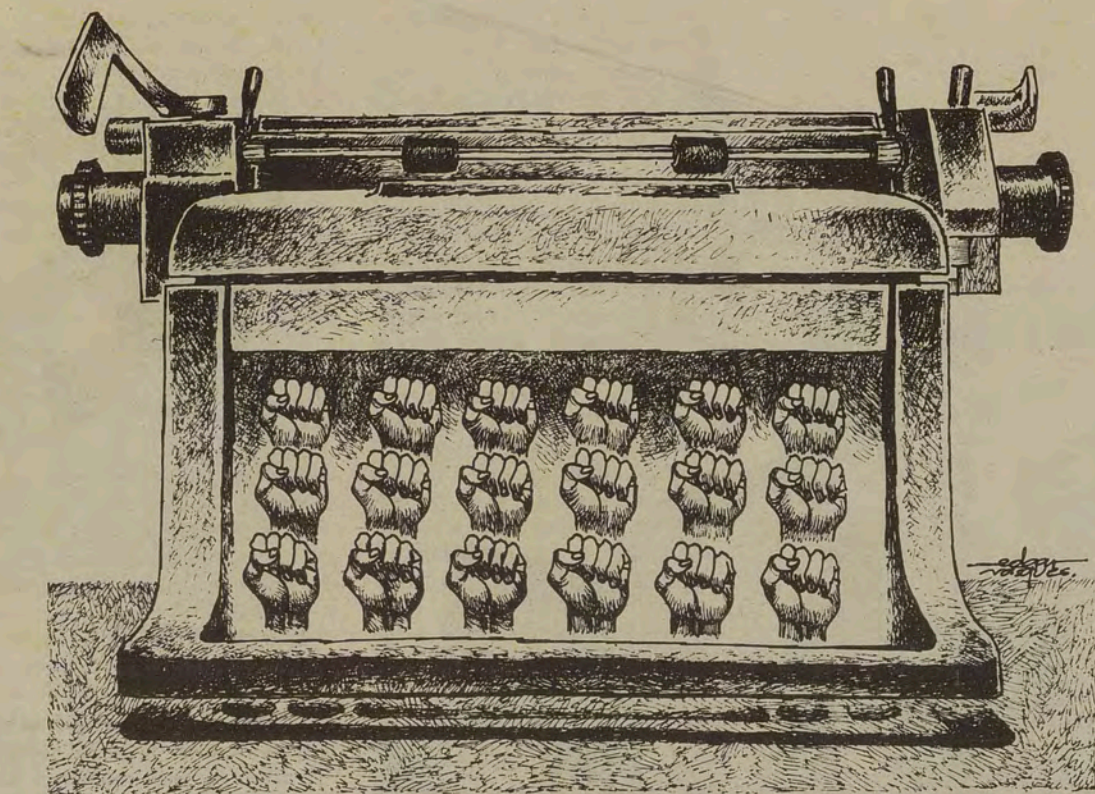
O mais antigo jornal em circulação na América Latina, a Diária de Pernambuco, remanescente dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, foi ainda mais discreto, limitando-se a matérias internas sobre o evento.

O temário proposto (Código de Ética dos Jornalistas), regulamentação profissional, unificação da data-base, democratização dos meios de comunicação social e um novo estatuto para a Federação Nacional dos Jornalistas — Fenaj — não empolgou os patrões. Além disso, a (des) organização do evento, a desinformação dos participantes, a obsessão pelo microfone e as disputas pessoais, em alguns momentos, esvaziaram as plenárias. Uma das votações mais disputadas do segundo dia teve o placar de 23 x 24 para cerca de 150 delegados de 28 sindicatos inscritos. O próprio local do congresso, o Recife Praia Hotel, um espigão de vidro com 15 andares, equipado com piscina, à beira da maior praia da cidade, a Boa Viagem, contribuiu com esse esvaziamento.

DEMOCRACIA

Apesar de um início cansativo, marcado por explosões políticas, o Congresso não se restringiu a "picuinhas", nem a turismo. Boa parte dos jornalistas tentou participar de forma coerente com o tom dos discursos proferidos para mais de 500 pessoas, na posse da nova diretoria da Fenaj. Frei Caneca, Tobias Barreto, Wladimir Herzog, lembrados como referenciais históricos e desbravadores da imprensa brasileira, devem ter se remexido no túmulo, quando Miguel Arraes defendeu "mudanças radicais na estrutura dos meios de comunicação social", um antigo sonho dos jornalistas.

O presidente da Fenaj, Armando Rollemberg, fez um apelo à categoria para que não embarque na onda de seqüestros que quer



transformar jornalistas em heróis. Insistiu que a imprensa deve cobrar do governo soluções para os graves problemas do país. Destacou a importância da Fenaj, única entidade representativa de jornalistas no mundo que elege sua diretoria com pleito direto. E reafirmou a determinação da Federação em atuar dentro dos princípios da Central Única dos Trabalhadores (CUT), à qual é vinculada — desde o Congresso de Goiânia, em 87. Esses discursos foram digeridos ao brilho do Balé Popular do Recife e regados com vinho e frevo.

PLENÁRIAS

O Congresso propriamente dito só iniciou na sexta-feira, 18. Os jornalistas patinaram meio dia na elaboração do regimento interno: Freitas Neto, que disputou a presidência da Fenaj pela chapa "Fenaj de Todos", tentou "melar" o encontro, mas acabou derrotado em todos os destaques ao regimento.

O primeiro painel, coordenado pelo advogado da Fenaj e do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, Edésio Passos, ateu-se

RECIFE DÁ COBERTURA À IMPRENSA.



CONGRESSO NACIONAL DE JORNALISTAS

Cartaz do "amigo da imprensa"

a esclarecimentos jurídicos sobre a unificação da data-base. Até agora, apenas cinco sindicatos conseguiram incluir essa cláusula nos acordos coletivos. Não está descartada uma greve nacional dos jornalistas

para consolidar essa conquista em toda a categoria.

Já o jornalista Freitas Nobre, especialista em ética e crime de imprensa, traçou um comparativo entre os textos da antiga e da nova Constituição, no que se referem à comunicação. Observou que o novo texto retrocedeu na questão do sigilo da fonte (condicionado à necessidade da informação), "o que deixa jornalista e fonte desprotegidos, à mercê da Justiça. E um juiz do Acre pode não estar muito ajustado à realidade catarinense", exemplificou.

Outro retrocesso identificado por Nobre, que acompanhou a elaboração da nova Carta, é a manutenção de concessões fraudulentas. E o que parecia ser um avanço, também não é, segundo o suplente de deputado pelo PSDB: o Conselho Nacional de Comunicação acabará sendo apenas um órgão auxiliar de um Congresso Nacional de Comunicação acabará sendo apenas um órgão auxiliar de um Congresso majoritariamente conservador. Nobre, no entanto, estimula os jornalistas a se empenharem desde já,

na luta que consolide os pequenos avanços obtidos até aqui, pressionando o Congresso Nacional na hora de aprovação das leis ordinárias e complementares, principalmente a nova Lei de Imprensa.

ÉTICA

Apesar de ter apenas quatro anos de existência, o Código de Ética dos Jornalistas deve ser atualizado. Este foi um ponto de consenso em Recife, mas estará mesmo na primeira página do próximo Congresso, na Paraíba. Até 1992, os processos referentes à transgressão da ética serão julgados por um Conselho Provisório da Fenaj que cuidará desse assunto. Juntamente com a nova eleição da entidade, serão escolhidos os cinco integrantes do Conselho de Ética definitivo. Há também um entendimento entre os jornalistas de que precisa existir um código de ética dos meios em que sejam enquadrados os patrões. Enquanto não surgir esse código, os sindicatos cobrarão a responsabilidade ética ao preposto mais elevado do empresário, que exerça a função de jornalista.

Uma outra preocupação que tomou bastante tempo aos jornalistas diz respeito à proliferação de sindicatos parciais. As fórmulas encontradas para combater a divisão da categoria são intensificar a luta pela criação do sindicato único de todos os trabalhadores em indústrias de comunicação e apressar a votação do projeto de lei — encaminhado pela Fenaj através da deputada Cristina Tavares (PSDB) ao Congresso Nacional — para a regulamentação profissional. E já se decidiu em Recife que, 10 anos após a promulgação dessa lei, não serão mais expedidos os registros de provisionamento a jornalistas que atuam em cidades do interior, onde não há faculdades de comunicação.

ESTÁGIO

Foi com a intenção de fortalecer as escolas de comunicação pública e acelerar a regularização do mercado que o XXIII Congresso dos Jornalistas derrubou de vez a possibilidade de os estudantes realizarem estágios nas empresas. Apesar de se tratar de um assunto polêmico, os delegados estudantes tiveram uma participação patética na discussão. Poucos resistiram aos atrativos da vida noturna de Recife para ver esse casuísmo ir água abaixo por 46 votos a 17 aos 0:22 minutos da madrugada de domingo. Frustradas as expectativas nutridas em plenárias na piscina do hotel, alunos representantes de empresas de comunicação (escolas particulares) se lançaram, feito kamikazes emocionais, em discursos agressivos contra a categoria a que não se integraram no futuro. Se houver facilidade que insistir em inchar o mercado através dessa manobra, o estagiário será tratado pelos sindicatos como um "irregular na profissão".

Passados os acessos de ira dos estudantes, à 01h00 da madrugada, quando ninguém conseguia mais coordenar os neurônios, ainda foram aprovados mais de uma dúzia de moções (de apoio, repúdio...). E foi elaborada a "Carta de Recife". Estava terminado o Congresso meio de improviso, como transcorreu na sua maior parte. A diretoria reeleita da Fenaj ainda se reuniu no domingo para uma "avaliação", enquanto os congressistas partiam em Boa Viagem.

Do correspondente

A Carta de Recife

Os jornalistas brasileiros, reunidos no XXIII Congresso Nacional da categoria, analisando a conjuntura política, econômica e social do país, reafirmam seu histórico compromisso com a democracia, liberdade, a soberania e independência nacionais. Nesse sentido, defendem a adoção de medidas urgentes que apontem uma saída para a grave crise brasileira e levem à consolidação da democracia em nosso país. O não pagamento da dívida externa, a realização de uma reforma agrária antilatifundiária, a democratização do Estado e da sociedade, que tem como um de seus instrumentos essenciais a democratização das comunicações, a subordinação do capital estrangeiro aos interesses nacionais e ao controle da sociedade o respeito aos povos indígenas e à sua autodeterminação, e a defesa da ecologia e da soberania nacional sobre a Amazônia são, entre outros, os pontos programáticos

fundamentais para os jornalistas brasileiros.

Fieis à tradição de luta da categoria, ao seu perfil democrático e progressista e ao resultado das prévias realizadas junto com a eleição para a diretoria da Fenaj, os jornalistas brasileiros repudiam as candidaturas que defendem e representam os interesses das elites e das classes dominantes, em especial a do candidato do PRN, Fernando Affonso Collor de Mello por, além de seu caráter conservador, não estar comprometido com a democratização dos meios de comunicação e já haver tornado público o compromisso com os patronos da grande imprensa em reunião com a Abert. E manifestam, publicamente, seu apoio aos candidatos de esquerda, identificados com essas bandeiras. Em relação às questões específicas da categoria, os jornalistas brasileiros reafirmam sua

disposição de lutar pela unificação das datas-base e pela criação do Sindicato Único dos Trabalhadores em Comunicação, bem como pela plena democratização dos meios de comunicação, pressionando o Congresso para que regulamente os dispositivos constitucionais que garantem a concretização deste objetivo. Manifestam, ainda, a decisão de aperfeiçoar e tornar mais eficaz o Código de Ética de Profissão, com a constituição de um Conselho Nacional de Recurso Ético e lutar pela criação de um Código de Ética de meios de comunicação que regule e fiscalize o respeito das empresas de comunicação ao direito social à informação e à verdade dos fatos. Finalmente, reafirmam sua disposição de integrar-se nas lutas gerais dos demais trabalhadores e da sociedade brasileira por melhores condições de vida e de trabalho.

Recife, 19 de agosto.

Sem-terra resistem ao governo

*Repressão não
inibe luta por
pedaço de chão*

Quatro anos depois que o presidente José Sarney lançou o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), ainda há no Brasil 12 milhões de trabalhadores rurais à procura da terra prometida. O governo pretendia desapropriar, em quatro anos, 27 milhões 630 mil hectares para assentar 900 mil famílias, mas, com pena (e temor) dos latifundiários, não distribuiu mais de quatro milhões de hectares para 40.400 famílias.

Em Santa Catarina, das 27 mil famílias que o extinto Ministério da Reforma Agrária prometeu beneficiar com 420 mil ha, até o final de 1988, apenas duas mil famílias foram assentadas em 47 áreas (36 mil hectares). Ainda há no Estado 140 mil famílias sem-terra, 1.700 acampadas à espera da desapropriação de 28 mil hectares. Estes dados, fornecidos pelo Movimento dos Trabalhadores rurais Sem-Terra (MTRST), mostram a falta de vontade política do governo em executar uma reforma agrária pra valer.

A luta pela terra no Brasil vem do tempo da colonização quando os portugueses invasores lotearam o território em 14 capitanias hereditárias. Esses grandes lotes se desdobraram em sesmarias, nas grandes lavouas do café e do açúcar ou em latifúndios improdutivos. Para se ter uma idéia da concentração de terras no País, o próprio governo federal é dono de 117 milhões de hectares ociosos. Os 20 maiores proprietários do País controlam 20 milhões de ha., uma área do mesmo tamanho da que dividem 3,3 milhões de agricultores. As multinacionais são donas de 26 milhões de ha., ou 9,7% do território brasileiro, conforme estatística do MTRST.

Santa Catarina não é o "paraíso do minifúndio" como as oligarquias locais fizeram crer por muito tempo. Os últimos dados censitários disponíveis, revelam a existência de quase 700 mil hectares de terras aptas ao aproveitamento agrícola que não se encontram



Esta cena incomoda muita gente

utilizadas. Pedro Rocha, coordenador estadual do MTRST, desmascara o "paraíso": 60% das terras cultiváveis do Estado estão na mão de 10% de proprietários; 90% das propriedades catarinenses são minifúndios com menos de 50 hectares e produzem 80% dos alimentos. O próprio Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) mostra em seus cadastros que chega a 236 mil o número potencial de beneficiários da reforma agrária, incluídos aí os minifundiários que, embora proprietários rurais, não dispõem de terras suficientes. Por tentarem alterar essa estrutura fundiária, 1500 agricultores e lideranças sindicais foram assassinados, desde 1980, em todo o País, por pistoleiros a serviço dos latifundiários.

Embora tenham estado entre as principais causas da Guerra do

Contestado (1912-16), os conflitos de terra em Santa Catarina se tornam mais frequentes a partir de 1980, quando 300 famílias ocuparam a Fazenda Burro Branco, em Campo Erê único município catarinense hoje governado pelo Partido dos Trabalhadores. São os colonos que, em 1985, depois do primeiro Congresso Brasileiro dos Sem-Terra, em Curitiba-PR, deram o pontapé inicial à reforma agrária dos trabalhadores, diferente da proposta pelo governo. Em 25 de maio daquele ano, aconteceram grandes ocupações no Oeste do Estado. Os fazendeiros reagiram e criaram a União Democrática Ruralista (UDR) que tem, em SC, oito regionais, 11 deputados e 13.500 sócios, segundo dados da Comissão Pastoral da Terra.

Mas a violência contra sete



Sem chão nem teto

mil famílias que já se envolveram em disputas de mais de 70 mil hectares de terra de que resultaram seis líderes trabalhistas mortos —, não vem só dos latifundiários. Na madrugada do último dia 25 de julho, Dia do Colono, o governador-coronel Pedro Ivo Campos ressuscitou com seu "cassetete democrático". Mandou a tropa de choque, com mais de 200 policiais militares, varrer a frente do Palácio Santa Catarina, 120 trabalhadores sem terra, que há mais de um mês estão acampados na Capital. São os representantes das 1.700 famílias acampadas em cinco municípios do Oeste, que vieram pressionar o Incra e o governo do Estado a cumprirem um acordo firmado no dia 23 de junho, segundo o qual, em 60 dias seriam liberadas as terras que reivindicam.

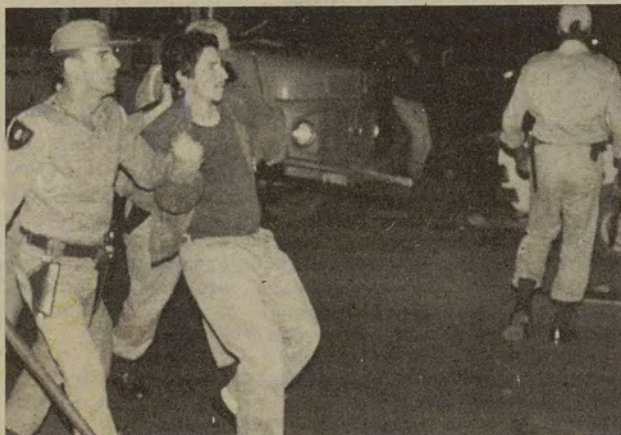
A eficiência com que a Polícia, em 15 minutos, demoliu os barracos, arrastou mulheres e crianças, apagou um fogo de chão com leite fervente, quebrou a cassetete qualquer ensaio de resistência, enjaudou os sem-terra e os despejou no Sambódromo Nego Querido, prova que esses pastores da noite ainda tem espantosa "energia" muscular para manter a ordem. Os trabalhadores rurais, no entanto, não se intimidam. "Nossa luta de 85 para cá tem demonstrado sua importância. Em apenas oito assentamentos, somando 6.400 hectares, 400 famílias colheram uma produção de 89.718 sacas de milho, 5.287 sacas de feijão, 4.246 sacas de arroz e 3.576 sacas de soja. Hoje os 47

assentamentos estão conseguindo, através da organização nas Associações de Cooperação Agrícola a compra de armazéns comunitários, tratores, caminhões e serrarias", diz Pedro Rocha.

O coordenador da CPT, Domingos Bergamin, reconhece que é pouca terra a que os agricultores conquistaram "na marra". É que, desde 85, 100 mil famílias do Sul do Brasil, perderam seus terrenos para os bancos, devido à política agrícola perversa do governo federal, que distribui a maior parte do crédito rural ao grande produtor. Já que, com a extinção do MIRAD e a derrota da reforma agrária na Constituição de 1988 o Incra virou imobiliária, a única esperança dos sem-terra de SC é a proposta que a deputada Luci Choinaski (PT) conseguiu aprovar na Constituinte Estadual, de rever as concessões de terras feitas a partir de 1962.

As luzes dos camburões da madrugada de 25 de julho denunciaram que uma noite de mais de 20 anos ainda não terminou. Mas isso não assusta os sem-terra. Consciente de que "que faz reforma agrária é o trabalhador, não a autoridade", Pedro Rocha deixa um aviso: "Se até dia 23 de agosto não saírem os 28 mil hectares mais créditos para os assentados, voltamos a ocupar novas áreas".

Geraldo Hoffmann



O modo do governador "comemorar"...



...o Dia do Colono

Fotos: Antonio C. Mafalda/DC

Dança competiu com injustiça

Critérios vagos conduziram a equívocos

Joinville é o quarto festival de dança do mundo em número de participantes. Isso significa quatro mil pessoas reunidas, entre organizadores, bailarinos e coreógrafos. Significa também vencedores e perdedores. Mas a maior derrota só será reconhecida ano que vem, quando muitos grupos vão pensar duas vezes antes de se inscreverem. É que em sua edição deste ano sua credibilidade foi quem mais perdeu, consequência de injustiças nos julgamentos e falhas na organização.

O gesto de Romano Vargas na noite de encerramento (22) ficou como exemplo da insatisfação com os resultados. Ao receber a placa que o premiava pelo 2º lugar na categoria Solos livres, o bailarino fez o ginásio Ivan Rodrigues explodir em vaias e aplausos. Quando foi chamado, deu um passo à frente, jogou no chão a camiseta com que dançou e a chutou para fora do palco, num gesto de repúdio. "Eu vinguei todos nós", diria Romano mais tarde aos que foram cumprimentá-lo pelo ato.

As vaias não foram unânimes no caso do bailarino como tinham sido minutos antes, na abertura da cerimônia. Quando a apresentadora fez os agradecimentos aos jurados, o ginásio veio abaixo em gritos, assobios e protestos. Ela insistiu e aumentou o tom da voz, o que só contribuiu para que as vaias crescessem e não se ouvisse nada além delas.

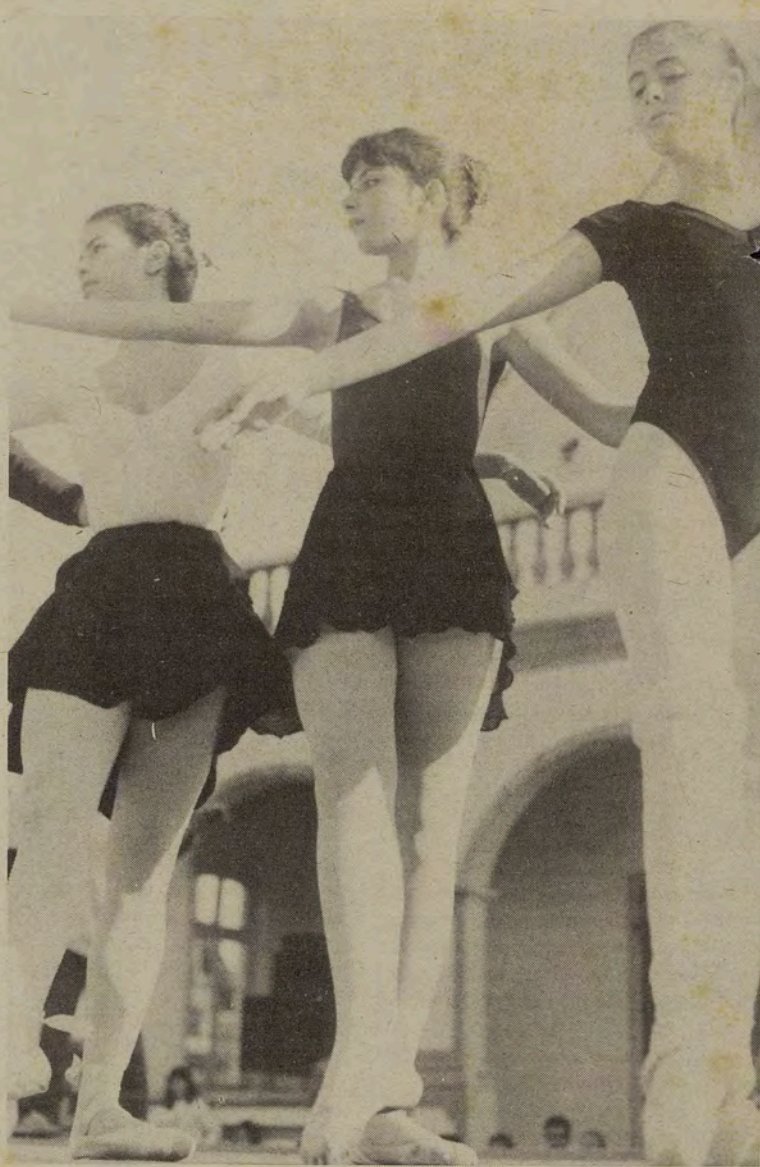
A Casa da Cultura foi colocada à disposição dos bailarinos, e também presenciou momentos de indignação. Nela foram montados stands de atendimento, informação e venda, além de um vídeo. E foi revendo algumas coreografias que muita gente ficou incomodada. Como os componentes do Grupo Alma Nossa, de Osasco (SP). O grupo recebeu média quatro pela coreografia "Paisagem de um Sonho", na modalidade jazz, categoria Amador II. Agora, o Alma Nossa só vai poder voltar ao Festival daqui a dois anos. Seus integrantes tinham bastante nível técnico e a coreografia, repleta de desenhos, estava muito boa, senão para uma colocação ao menos para obter pontos para poder retornar em 89.

Não foi a única injustiça do dia 21. Na modalidade pas-de-deux livre, categoria Júnior II, o júri premiou

um bailarino de 28 anos. O problema é que nessa categoria só devem concorrer bailarinos com até 14. No dia seguinte a comissão organizadora desclassificou a dupla que tinha vencido. A bailarina, de 14 anos, não conseguia parar de chorar e sua mãe, inglesa, ameaçava denunciar a jornais do exterior a falha da organização. E com razão, porque a ficha de inscrição foi aceita pelos organizadores, e nela constava a idade do bailarino.

Mas o maior injustiço foi o grupo de dança Cena 11, de Florianópolis, que merecia ter sido classificado, tanto pela coreografia criativa e inovadora, quanto pelo bom nível técnico de seus bailarinos, além de ter o figurino que mais se destacou na noite (20). Dançando a coreografia "Escândalo Urbano", de Anderson Gonçalves, o Cena conquistou jurados, bailarinos e o crítico Luis Sorel, que elogiou muito o trabalho. Nas planilhas do júri além da média alta (7,7), estava o motivo do grupo não ter obtido nenhum dos três primeiros lugares na categoria Amador I: modalidade errada. Os jurados julgaram que o Cena 11 não dançou jazz e sim ballet contemporâneo.

Taciana Janning Xavier



Performance ao ar livre

Júri provinciano decepçiona

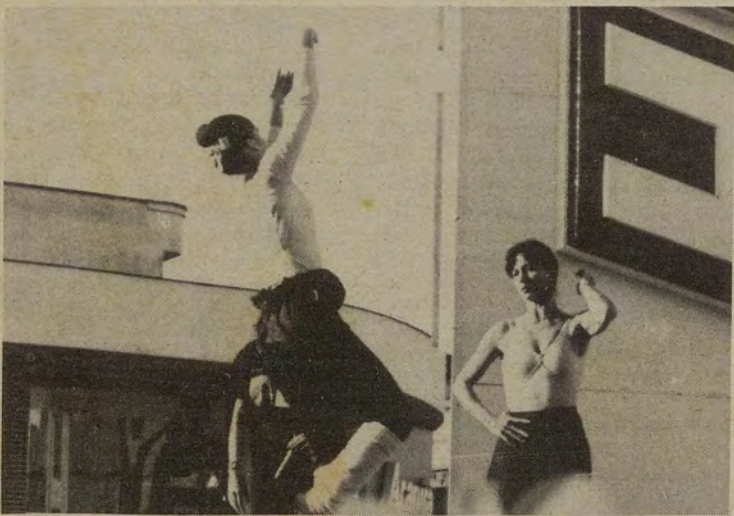
"Para mim, é sempre válido participar de um festival de dança como o de Joinville, onde se tem uma idéia do que está acontecendo nessa área pelo país. Quem acompanhou pela TV ou pelos jornais de SC, foi unânime ao observar que os grupos do estado, tiveram pouca abertura. Quem participou, pôde perceber que, por incrível que pareça, o nível decaiu de um modo geral. É que neste ano a organização foi "mais exigente" na escolha dos grupos participantes. Talvez fosse melhor que houvessem menos grupos, mas de melhor nível. Também porque Joinville não tem infra-

estrutura para abrigar quatro mil pessoas, e nesse ponto, acho que a comissão organizadora faz um bom trabalho com o pouco que eles têm.

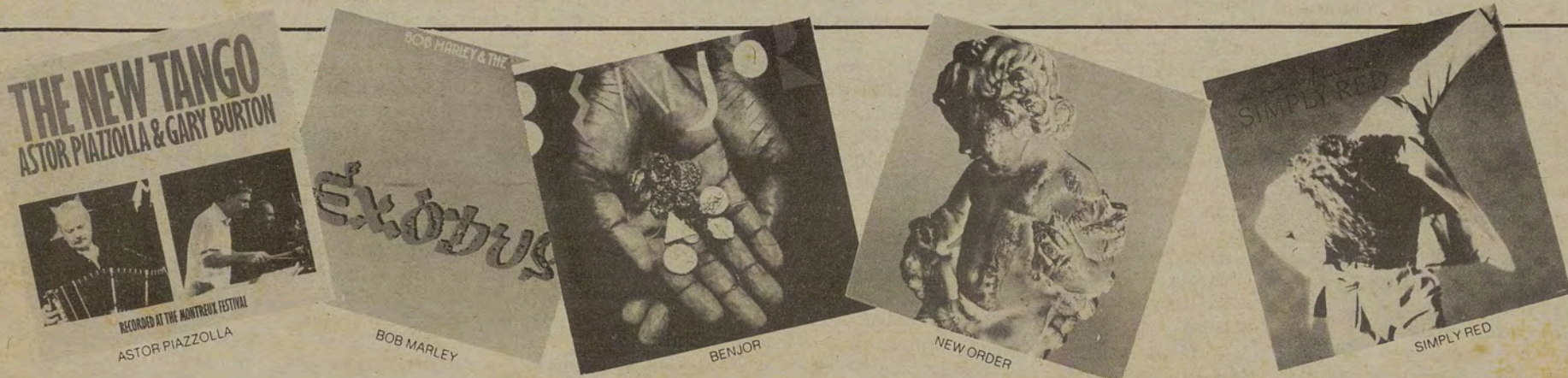
Quanto ao que aconteceu com o nosso grupo, Cena 11, não ficamos surpresos simplesmente porque não fomos classificados, mas pelos grupos que ganharam. Foram apresentados trabalhos medíocres, o jazz americano, o que se vê sempre, o óbvio. O nosso trabalho, "Escândalo Urbano", é uma proposta nova quanto à coreografia, à história contada e ao figurino. Mostramos com muito deboche

a nobreza que pode haver no lixo humano, na miséria, no caos, trajados como "mendigos medievais". Dançar jazz com essa proposta, foi uma renovação. Mas o provincianismo dos jurados anulou o que apareceu de novo. Qualquer leigo sabe que o nosso trabalho era jazz. As pessoas precisam evoluir e saber que o jazz pode ser muito mais do que só sensualidade, pernas bonitas, cabelos e riso. Seria melhor que fosse apenas uma mostra, não-competitiva.

Ruchelle Zandavalle



As bailarinas conquistaram Joinville



ZERO E WEA DÃO 50 LPS

Assinale seu disco preferido. Diga qual é seu candidato à Presidência da República e por que motivo fez a opção. Remeta o cupom para: Campus Universitária s/nº, CCE, Curso de Jornalismo, "Promoção Disco", Florianópolis. O resultado sai no próximo Zero. Boa sorte.

Um iluminado vai resistir a este conto de fardas tupiniquim?

A resposta vem

nas urnas em

15 de novembro

O futuro presidente do Brasil terá nas mãos um abacaxi recheado de ouro. Vai governar a oitava economia do ocidente que ostenta padrões de miséria comparáveis aos mais atrasados países afro-asiáticos. São 8.511.965 km² de território rico em recursos naturais, povoados por 147 milhões de habitantes, a metade pobres.

Um grupo de cientistas políticos que acaba de lançar o livro "Brasil-Reforma ou Caos" (Editora Paz e Terra) constata que "em nenhum país do mundo, nem na própria Índia, são mais berrantes os contrastes sociais: (...) 35% das famílias brasileiras, com rendimento per capita de até meio salário mínimo, vivem em estado de miséria ou de estrema pobreza (é a condição de 41% dos brasileiros). Das pessoas que trabalham, 65,1% recebem até um salário mínimo (hoje de NCz\$ 192,88), somente 10,1% ganham mais de três salários mínimos. Os 50% mais pobres do país têm acesso a apenas cerca de 13,6% da renda (o PIP — Produto Interno Bruto é de US\$ 260 bilhões)".

A estrutura social que comporta tamanhas contradições começou a ser montada desde o processo de colonização, iniciado nos idos de 1500 sob um modelo explorador: o capitalismo tropical que se originou desse processo é tão voraz que criou um povo nômade. Desde que os portugueses deram um "chega-pra-lá" nos cinco milhões de índios (hoje reduzidos a 215 mil entre 170 povos), o brasileiro não parou de migrar. Só com a introdução do trator na agricultura, nos últimos 30 anos, o número de trabalhadores agrícolas caiu de 60 para 30% da população economicamente ativa. Por isso, a miséria concentra-se nas cidades, onde faltam 15 milhões de moradias e há dois anos o governo não executa nenhum projeto habitacional.

Apesar da alta taxa de urbanização, a agricultura ainda é uma das principais atividades econômicas do Brasil. Espera-se para este ano uma safra recorde de 100 milhões de toneladas de grãos. Mas o quarto exportador de alimentos é também o sexto país do mundo com os mais altos índices de desnutrição: a cada ano 500 mil crianças morrem de fome e a expectativa de vida dos brasileiros está entre 58 e 60 anos. Quem mais sofre com a pobreza são as crianças até 14 anos (41% da população).

A baixa qualidade de vida também aponta para um alto grau de ignorância e doenças. O Tribunal Superior Eleitoral revelou há poucos dias que 68% dos 80 milhões de eleitores (brasileiros com mais de 16 anos de idade) sequer concluiu a oitava série do primeiro grau. Em Santa Catarina, por exemplo, 600 mil crianças de até 14 anos estão fora da escola (no País esse número passa de 30 milhões).

Lê-se ainda no livro "Brasil Reforma ou Caos" que, mais da metade das casas brasileiras não têm luz elétrica, mais de 71% não possuem canalização interna de água, mais de 85% não têm esgoto adequado, 65% não dispõem de filtro e mais de 70% não têm geladeira. Isso explica, talvez, o País doente: 600 mil com malária, 14 mil leprosos, 81 mil tuberculosos, 61 mil com sarampo, 89 mil com esquistossomose.

As reservas minerais ultrapassam 60 milhões de toneladas: 35 milhões de ferro, 17 milhões de calcário, cinco milhões de carvão, 350 mil toneladas de ouro... Apesar das queimadas que, em 88, varreram mais de 10 milhões de hectares de florestas, ainda há 28 parques 15 reservas biológicas nacionais, 45 parques e 32 reservas biológicas estaduais, totalizando 14 milhões de hectares ou 33% do que resta de matas tropicais nativas no planeta.

O maior desafio que se apresenta ao próximo presidente é provocar uma mudança estrutural na sociedade brasileira, lapidada em 450 anos de dependência externa e dominação de uma minoria sobre a



maioria, no plano interno. Na raiz dos graves problemas sócio-econômicos encontra a maior concentração de renda do mundo e o jogo de uma dívida externa de US\$ 120 bilhões (a dívida interna é muito maior). Além de ter que enfrentar uma elite retrógrada, que age de acordo com os mandantes do Fundo Monetário Internacional, o futuro presidente se

defrontará também com uma máquina estatal ineficiente, clientelista e falida: 700 mil funcionários federais consomem 90% dos NCz\$ 55 bilhões em impostos que serão cobrados este ano. Sem contar que existe outro tanto de funcionários públicos nos 24 estados, três territórios, no Distrito Federal e em 5.075 municípios brasileiros.

Os tesouros dessas máquinas públicas têm sido dilapidados pelos corruptos. Só de 1946 até hoje, o Congresso Nacional criou 474 Comissões Parlamentares de Inquérito para apurar irregularidades na administração pública, escândalos financeiros envolvendo a iniciativa privada e 121 CPIs para investigar "crimes do colarinho branco".

Este é o Brasil oficial. No paralelo, os números do Anuário Estatístico Brasileiro (do IBGE) e até de cientistas sociais de aluguel crescem. Certamente não mais que a inflação do 30% ao mês que aponta para o espaço. E também neste Brasil do black que o novo chefe branco saberá que mais da metade da nação é negra. São descendentes dos 10 milhões de escravos importados da África (no tempo em que País vendia mais café que armas) que se cruzaram com os índios e, pela "apartheid" tupiniquim foram apelidados de "pardos". E na festa de cores, apesar de o futuro chefe branco se apresentar como civil, não está livre do risco de naufragar numa sombra verde-oliva, num País que vive um eterno conto de fardas.

O povo pode virar o jogo

Já se disse que o Brasil tem 140 milhões de "salvadores da pátria". Pelo menos trinta deles estão dispostos a testar essa vocação. Disputam a Presidência da República, um para casa ano de Jesus eleitoral. Mas apenas onze aparecem sistematicamente nas pesquisas de intenção de votos e nos meios de comunicação.

Da esquerda para a direita, os candidatos ficam assim dispostos à mesa da primeira ceia democrática de 80 milhões de eleitores depois de 30 anos de ditadura militar: Luís Inácio Lula da Silva (Frente Brasil Popular), Roberto Freire (PCB), Leonel Brizola (PDT), Mário Covas (PSDB), Ulysses Guimarães (PMDB), Affonso Camargo (PTB), Guilherme Afif Domingos (PL), Aureliano Chaves (PFL), Paulo Maluf (PDS), Fernando Collor de Mello (PRN) e Ronaldo Caiado (PSD).

Quando os "santos" são muitos, o fiel, no caso, o eleitor, desconfia. Nem os 11 são definitivos. Depois de uma largada em que construíram o monstro "Brizula" (Brizola mais Lula), os institutos de pesquisa das forças reacionárias criaram o antídoto de proveta Collor de Mello. Mas, por enquanto, os 60% de indecisos vencem as eleições.

Os conchavos fisiologistas do momento apontam para uma polarização entre um bloco de direita e outro de esquerda (ou no mínimo progressista) ainda no primeiro turno. Ou se legitima a direita pelo voto (o que será um desastre) ou se opta por uma alternativa que rompa com o carrossel de ditaduras explodidoras que desastrou este País.

Textos
Geraldo Hoffmann